



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS**  
**FACULDADE DE LETRAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA E LITERATURA**

**EWERTON DOUGLAS CANUTO DE ALBUQUERQUE**

**EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS NA LIBRAS: UM ESTUDO DESCRITIVO**

Maceió

2022

**EWERTON DOUGLAS CANUTO DE ALBUQUERQUE**

**EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS NA LIBRAS: UM ESTUDO DESCRITIVO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura, da Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Jair Barbosa da Silva.

Linha de pesquisa: Teoria e Análise Linguística.

Maceió

2022

**Catlogação na Fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Central**  
**Divisão de Tratamento Técnico**

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

A345e Albuquerque, Ewerton Douglas Canuto de.  
Expressões idiomáticas na Libras : um estudo descritivo / Ewerton  
Douglas Canuto de Albuquerque. – 2022.  
90 f. : il.

Orientador: Jair Barbosa da Silva.  
Dissertação (mestrado em Linguística) – Universidade Federal de  
Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em  
Linguística e Literatura. Maceió, 2022.

Bibliografia: f. 85-88.  
Anexos: f. 90.

1. Língua brasileira de sinais. 2. Expressão idiomática. 3. Lexicografia. I.  
Título.

CDU: 81'221.24(81)

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por me conduzir nos meus caminhos e por me dar forças para alcançar mais uma conquista.

Eu, Ewerton de Albuquerque, agradeço à Universidade Federal de Alagoas - UFAL por ter me dado a oportunidade de cursar Letras Libras, de me ensinar a desenvolver no meu conhecimento, também por me dar oportunidade de ser bolsista para concluir este projeto.

Sou grato à mulher que me inspira, minha mãe, Andreia Canuto. Mulher guerreira, que nos criou com toda dificuldade, pois, sei que ela não poupou esforços para cuidar de mim com muito amor, educação e carinho. Tenho imenso orgulho de ser seu filho. Obrigado por fazer parte da minha vida e por ser uma mãe tão maravilhosa. Fez de tudo para me oferecer o melhor e acreditou na minha evolução até aqui.

À minha irmã caçula, Letícia Dayse, acompanhando, apoiando e incentivando ao longo dos anos. Obrigado, por sempre acreditar em mim e me dar o auxílio necessário.

O apoio geral da minha família foi fundamental em todos os momentos da minha jornada. Pensei que não iria conseguir superar os desafios da vida. Por isso, sou muito grato por vocês fazerem parte da minha vida.

Agradeço imensamente a minha amada esposa, Evely de Souza, minha companheira, por esta ao meu lado sempre e por todo apoio necessário. Por ter vivenciado comigo todas as minhas angústias, preocupações. Pela paciência e por não soltar a minha mão. Em todo o tempo, me deu palavras de incentivo, torcendo por mim durante esses anos. Obrigado, por me motivar. Sem esse suporte, eu não teria conseguido chegar onde cheguei. Por isso, serei grato sempre.

Ao Prof. Dr. Jair Barbosa da Silva, por ter aceitado ser meu orientador, sempre me desafiando na dissertação, mas, sempre me dando conselhos e exemplos estimulando o meu desenvolvimento na pesquisa. Obrigado, mais uma vez, por ser meu orientador. Nossas conversas foram às vezes até informais e com muito bom humor com o intuito de me animar e mostrar para mim que precisava ter paciência, persistência e dedicação para eu não desistir. Foi um grande incentivo para superar as minhas dificuldades.

Aos professores que participaram na banca de qualificação e de defesa: Rimar Segala e Aldir Santos. Agradeço por aceitar o convite e pelas várias sugestões de textos que foram abordados para investigação da Libras que complementaram a minha pesquisa e contribuíram para que este trabalho se aperfeiçoasse.

Ao Thiago Bruno, obrigado por me ter dado suporte nesse projeto, auxiliado-me na tradução da dissertação, ajudou-me imensamente a me acalmar. Agradeço pela paciência, mesmo com seus compromissos. Sempre se mostrou prestativo para comigo. Sei que meu tema não é fácil, mas trabalhamos pesado e acreditamos nele. Agradeço as palavras de incentivo, o encorajamento e pela torcida por mim para que eu chegasse até aqui. Admiro-o tanto, pelo seu esforço, zelo e empatia. Por um lado, inspira-me pelo seu lindo trabalho e, por outro, por ser meu amigo que levarei para vida inteira, sempre me ensinando, esclarecendo minhas dúvidas até me fazer entender.

A minha amiga Jaqueline Soares, não poderia deixar de agradecer. Logo no início no meu TCC, ajudou-me bastante, compartilhamos as ideias, refletimos desafios para interpretação do texto. Sei que não foi fácil chegar onde cheguei nessa conclusão. Obrigado, pela paciência e parceria.

À Ivna Fernandes, pelo auxílio nas traduções e interpretações mergulhando mais um pouco na língua portuguesa. Isso me encorajou muito. Grato pela sua paciência, compreensão, empatia e grande zelo.

Aos meus amigos Surdos, Marcos Moraes, por ter me dado suporte, paciência e preocupação. Sempre me estimulando a não desistir, livrando-me de algumas angústias, conversando para me manter calmo e bem humorado. Pela ajuda nos ajustes do trabalho de acordo com as regras da ABNT. Saiba que admiro sua inteligência. Agradeço, também, à Sérgio, que passou no mesmo mestrado que eu. Foi um grande desafio que passamos. Foram momentos de angústias e muita. Pela ajuda mútua e por lutarmos juntos para não desistir do início até aqui. Obrigado pela parceria e troca de experiência.

Ao pastor José Júnior e à sua esposa Sisley. Obrigado pelo carinho, incentivo cheios de humor e pela paciência. Sempre torcendo por mim e admirando minha profissão. Admiro-te pastor José Junior. Aprendi muito contigo, meu amigo-irmão do coração.

Aos intérpretes, obrigado pela participação na banca e pela paciência nas interpretações da minha dissertação.

*"Agradeço ao curso de Letras-Libras de Maceió,  
onde fui aluno da primeira turma em 2014,  
pelo aprendizado, pela vida acadêmica,  
pelo conhecimento adquirido e  
pelo fortalecimento da comunidade surda."*

## RESUMO

As Expressões Idiomáticas (EI) fazem parte de todas as línguas naturais, emergindo da comunicação como uma forte marca cultural de uma dada comunidade e não é diferente quando pensamos na Libras. Diferentes EIs são sinalizadas em Libras por surdos alagoanos, mas pouco se sabe sobre como é o processo de estruturação das EIs no léxico da Libras e como elas estão inseridas no contexto social da comunidade surda. Pensando nisso, esta pesquisa tem como objetivo descrever e analisar como são estruturadas as Expressões Idiomáticas da Libras sinalizada por surdos alagoanos. Para apresentar os principais conceitos relacionados à gramática da Libras, trouxemos Quadros & Karnopp (2004) e Ferreira-Brito (1997), Johnston & Schembri (2007) e Santos (2018). Por fim, para destacar as principais características das EIs de uma maneira geral, trouxemos a contribuição de Xatara (2001), Camara Jr (2002), Tagnin (2005) e Dubois et al (2007). Metodologicamente nós escolhemos 10 expressões da Libras com características apontadas pelos autores como sendo comuns às EIs e fizemos uma entrevista com 5 surdos e 5 ouvintes da comunidade surda alagoana. Todos viviam em Alagoas há pelo menos 10 anos e os ouvintes já estavam inseridos na comunidade surda há pelo menos 8 anos. Perguntamos aos participantes se eles conheciam as expressões e pedimos para que eles explicassem o significado das expressões. A análise quantitativa apontou que os surdos responderam 96% (N=48) das expressões com um significado igual ao previsto pelo pesquisador, enquanto que os ouvintes responderam apenas 34% (N=17) de acordo com o significado previsto pelo pesquisador. A análise linguística demonstrou que as expressões foram criadas a partir de derivações e composições, apresentando mudanças fonológicas e semânticas. As mudanças fonológicas incluem mudança e/ou cristalização de movimento, configuração de mão ou ponto de articulação. As mudanças semânticas apresentaram uma restrição de significado, saindo de um contexto mais amplo do sinal para um contexto mais restrito na EI. Concluímos que as EIs são mais utilizadas entre surdos dentro da comunidade surda do que com ouvintes, e que isto aponta para uma forte marca cultural dos surdos na comunicação.

**Palavras-chave:** Libras; Expressões Idiomáticas; Léxico; Morfologia.

## ABSTRACT

Idiomatic Expressions (IE) are part of all natural languages, emerging from communication as a strong cultural mark and it is no different when we think about the deaf community. Different IEs are signed in Libras by deaf people from Alagoas, but little is known about the structuring process of IEs in the Libras lexicon and how they are inserted in the social context of the deaf community. With that in mind, this research aims to describe and analyze how the Idiomatic Expressions of Libras signaled by deaf people from Alagoas are structured. To present the main concepts related to the grammar of Libras, we brought Quadros & Karnopp (2004) and Ferreira-Brito (1997), Johnston & Schembri (2007) and Santos (2018). Finally, to highlight the main characteristics of IEs in general, we brought a contribution from Xatara (2001), Camara Jr (2002), Tagnin (2005) and Dubois et al (2007). Methodologically, we chose 10 expressions in Libras with characteristics pointed out by the authors as being common to IEs and we conducted an interview with 5 deaf and 5 hearing people from the deaf community in Alagoas. All of them had lived in Alagoas for at least 10 years and the listeners had already been part of the deaf community for at least 8 years. We asked the participants if they knew the expressions and asked them to explain the meaning of the expressions. The quantitative analysis showed that the deaf responded to 96% (N=48) of the expressions with a meaning equal to that predicted by the researcher, while the hearing people responded only 34% (N=17) according to the meaning predicted by the researcher. The linguistic analysis showed that the expressions were created from derivations and compositions, presenting phonological and semantic changes. Phonological changes include change and/or crystallization of movement, handshape, or point of articulation. The semantic changes presented a restriction of meaning, moving from a broader context of the sign to a more restricted context in IE. We conclude that IEs are more used among the deaf within the deaf community than with hearing people, and that this points to a strong cultural mark of the deaf in communication.

Keywords: Libras; Idiomatic Expressions; Lexicon; Morphology.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figure 1:</b> Modelo de léxico para a Língua de Sinais Australiana (Auslan).....	28
<b>Figure 2:</b> Sinal soletrado manualmente: N-U-N-C-A .....	29
<b>Figure 3:</b> Sinal soletrado manualmente: N-U-N.....	29
<b>Figure 4:</b> Sinal soletrado manualmente: A-Z-U-L .....	30
<b>Figure 5:</b> Sinal soletrado manualmente: A-L .....	30
<b>Figure 6:</b> Sinal soletrado de número manualmente: 0-0-7 .....	31
<b>Figure 7:</b> CÃO + FORMATO DE ORELHA (Pastor-alemão) .....	32
<b>Figure 8:</b> Pares de sinais para o traço (CENTRAL).....	42
<b>Figure 9:</b> Sinal MENTE-MADURA/MODA em Libras.....	61
<b>Figure 10:</b> Sinal BOM-COMPORTAMENTO em Libras .....	61
<b>Figure 11:</b> Sinal MÃOS em Libras.....	63
<b>Figure 12:</b> Sinal LIBRAS + MENTIR em Libras .....	64
<b>Figure 13:</b> Lista de pessoas: 1º EU, 2º SINAL-NOME, 3º SINAL-NOME.....	65
<b>Figure 14:</b> 1º PALMEIRAS, 2º FLUMINENSE .....	65
<b>Figure 15:</b> Sinal INFERIOR em Libras.....	66
<b>Figure 16:</b> Sinal EXPULSAR em Libras.....	67
<b>Figure 17:</b> Sinais NÃO-QUERER SABER em Libras.....	68
<b>Figure 18:</b> Sinal ENGANAR em Libras.....	69
<b>Figure 19:</b> Sinal AUSENTE em Libras .....	70
<b>Figure 20:</b> Sinal LEMBRAR em Libras.....	72
<b>Figure 21:</b> Sinal REVOLTA em Libras.....	74
<b>Figure 22:</b> Sinal CORAGEM em Libras .....	75
<b>Figure 23:</b> Sinal DIFÍCIL em Libras .....	76
<b>Figure 24:</b> Sinal CHATO/INCOMODAR em Libras.....	77

**Figure 25:** Sinal NUNCA-VER em Libras..... 79

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1:</b> Processo de formação de sinais no núcleo do léxico ou Modificação de sinais ....	33
<b>Quadro 2:</b> Exemplos para cada tipo de flexão: QUANTIDADE, NEGAÇÃO, ARGUMENTO, INTENSIDADE .....	34
<b>Quadro 3:</b> Tipos de flexão de intensidade.....	35
<b>Quadro 4:</b> Três processos com a diferença básica: DERIVAÇÃO, COMPOSIÇÃO, FUSÃO .....	37
<b>Quadro 5:</b> Exemplos de sinais derivados .....	37
<b>Quadro 6:</b> Exemplos de compostos.....	38
<b>Quadro 7:</b> Sinais SEE/EYE, MAYBE e CHECK em BSL.....	39
<b>Quadro 8:</b> Exemplos de fusão .....	40
<b>Quadro 9:</b> Protocolo de coleta de dados de Oliveira (2020) .....	49
<b>Quadro 10:</b> Expressões a serem analisadas.....	51
<b>Quadro 11:</b> Informações gerais sobre os participantes .....	54
<b>Quadro 12:</b> Contato dos participantes com a comunidade surda.....	55
<b>Quadro 13:</b> Glosa: MENTE-MADURA .....	60
<b>Quadro 14:</b> Glosa: MÃOS-MENTIR.....	62
<b>Quadro 15:</b> GLOSA: INFERIOR/QUINTO .....	64
<b>Quadro 16:</b> GLOSA: CABEÇA-SOLTAR/NÃO LEMBRAR.....	67
<b>Quadro 17:</b> GLOSA: ENGANAR-ME .....	69
<b>Quadro 18:</b> GLOSA: CONHECER-RÁPIDO .....	71
<b>Quadro 19:</b> GLOSA: MENTE-DIFERENTE .....	73
<b>Quadro 20:</b> GLOSA: VOCÊ-DESISTIR .....	74
<b>Quadro 21:</b> GLOSA: DIFÍCIL-PESSOA.....	76
<b>Quadro 22:</b> GLOSA: OLHOS-NÃO-TER.....	78

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1:</b> Respostas dos participantes aos sinais apresentados.....	58
--	----

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1:</b> Tabela de respostas dos participantes.....	56
<b>Tabela 2:</b> Respostas dos participantes para os sinais apresentados na entrevista.....	58

## **LISTA DE ABREVIACOES E SIGLAS**

Libras - Língua Brasileira de Sinais.

EIs - Expressões Idiomáticas.

ASL - Língua de Sinais Americana (American Sign Language).

BSL - Língua de Sinais Britânica (British Sign Language).

AUSLAN - Língua de Sinais Australiana (Australian Sign Language).

## SUMÁRIO

<b>I. CONTEXTUALIZAÇÃO E JUSTIFICATIVA</b> .....	18
<b>II. CAPÍTULO - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	20
2.1 GRAMÁTICA DA LIBRAS .....	20
2.2 LÉXICO DA LIBRAS .....	24
2.2.1 ESTRUTURA LEXICAL DA LIBRAS.....	28
2.2.2 A FORMAÇÃO DE SINAIS NO LÉXICO DA LIBRAS .....	32
2.2.3 A SEMÂNTICA LEXICAL NA LIBRAS .....	40
2.3 EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS DA LIBRAS .....	43
<b>III. CAPÍTULO - METODOLOGIA DA PESQUISA</b> .....	49
3.1 EXPRESSÕES ESCOLHIDAS PARA ANÁLISE .....	50
3.2 COLETA DE DADOS.....	54
3.2.1 PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	54
3.2.2 PROCEDIMENTO DE COLETA.....	55
3.3 TRATAMENTOS DOS DADOS .....	56
3.4 ANÁLISE DOS DADOS.....	57
<b>IV. CAPÍTULO - ANÁLISE DOS DADOS</b> .....	57
4.1 QUANTITATIVA .....	57
4.2 ANÁLISE LINGUÍSTICA .....	60
<b>V. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	82
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	85

## I. CONTEXTUALIZAÇÃO E JUSTIFICATIVA

A fraseologia há muito vem sendo objeto de investigação, tendo como foco as línguas orais, com os mais diferentes objetivos. Miguel e Ferreira (2020) apontam que a Fraseologia, enquanto área específica no estudo das línguas, tem sido amplamente explorada por diversos teóricos no Brasil, principalmente no sentido de fundamentar a elaboração de glossários e a criação de *corpus* de variadas línguas.

Na esfera de estudos fraseológicos, o conceito sobre a expressão “fraseologia” irá variar de acordo com a orientação teórica adotada (LISBOA, 2021). Na presente pesquisa, será adotado o conceito de Fraseologia como sendo uma subárea dos estudos do Léxico que estuda os vocábulos específicos das línguas cujo sentido é ambíguo, e analisa de maneira parcial ou total o significado conceitual dessas palavras e/ou frases utilizadas por falantes de uma língua, ou de grupos sociais de acordo com seu uso. Em outras palavras, consideramos que a Fraseologia se refere à descrição e caracterização das unidades fraseológicas (UFs), tanto no que diz respeito à sua definição, quanto ao tratamento destas unidades (MIRANDA, 2020).

A linguística conceitua as EIs como sendo as palavras e/ou sinais de uma língua cuja tradução de uma língua para outra não é possível de modo mais direto e objetivo, uma vez que tais expressões são atravessadas por traços culturais inerentes a um grupo de usuários da língua. Desse modo, unidades fraseológicas do Português nem sempre são de fácil tradução para outra língua, como a Libras, por exemplo, e vice-versa. A Libras, por sua vez, sendo uma língua de modalidade visuoespacial está repleta de sinais cujos significados não correspondem ao sentido usual, uma vez que se constitui como unidade fraseológica desta língua. Desta forma, pode-se dizer que a compreensão de uma língua vai muito além dos seus itens lexicais *a priori*. Em outros termos, a cultura e fatores sócio-históricos vão implicar na significação de que a língua é capaz de veicular. Isso terá consequências para o uso de uma determinada língua em contextos diversos, como no ensino, na tradução e na elaboração de materiais didáticos.

No estado de Alagoas, não há ainda pesquisas sobre EIs em Libras, quer de cunho qualitativo, quer quantitativo, como também nenhuma investigação integral ou específica que trate diretamente do assunto ou o faça de modo associado a outros fenômenos linguísticos. Assim, não se sabe o estatuto linguístico das EIs em nosso Estado: como surgiram (se por empréstimo, ou naturalmente), se sofreram mudanças com o tempo, como se estruturam, como se inserem no uso da língua em contextos linguísticos diferentes (formais, informais), o que justifica o empreendimento de pesquisas sobre este tema.

Outro importante destaque que se pode fazer em relação às EIs é que os surdos fazem uso dessas expressões de modo bastante peculiar e natural, sem grandes dificuldades acerca do seu conteúdo semântico. Aprendizes da Libras como L2 (ouvintes e mesmo surdos que têm a Libras como L2) e Tradutores Intérpretes de Libras em formação inicial, no entanto, apresentam dificuldades em assimilar e usar as EIs em Libras, o que parece ser ocasionado pesquisa pela falta de apropriação dos aspectos sociolinguísticos e culturais inerentes à língua.

Pela escassez de pesquisas sobre o assunto, uma das consequências é que os cursos de Libras – módulo I, II e avançado, não promovem a apropriação desses elementos, ocasionando um menor domínio linguístico em determinadas situações de uso junto aos “nativos”. Portanto, para esse público que busca a imersão na língua com os termos empregados pelo povo surdo, essa investigação será de grande relevância e referência por ser a primeira pesquisa na área em Alagoas, tomando-se os usos linguísticos desse Estado.

Este interesse pela investigação sobre a estrutura e o papel da EIs da Libras advém da minha experiência didática no ensino de Língua de Sinais como Segunda Língua, em um curso de formação de intérpretes de Libras em que se deu a oportunidade de ensinar a disciplina Compreensão e Produção de Sinais. O objetivo da disciplina era que os alunos pudessem compreender sinais específicos sinalizados pelos “nativos”. Então, lançou-se a proposta de ensinar as EIs na Libras com seus respectivos sentidos contextuais. Daí, pudemos perceber a importância de uma sistematização dessas expressões na Libras, tendo em vista o ensino da língua.

Diante do exposto, o presente estudo procurou analisar o seguinte problema de pesquisa: como são estruturadas as EIs na Libras? A partir deste questionamento, nossa pesquisa tem como objetivo geral: descrever e analisar como são estruturadas as Expressões Idiomáticas da Libras sinalizada por surdos alagoanos; e como objetivos específicos: i) apontar as principais características das expressões idiomáticas em Libras; ii) descrever fonológica, morfológica e semanticamente as Expressões Idiomáticas em Libras e; iii) verificar o nível de compreensão de expressões idiomáticas por surdos e ouvintes.

Para tanto, iremos primeiramente apresentar uma fundamentação acerca dos estudos do léxico, uma vez que eles deram oportunidade para investigações sobre a Fraseologia. Apresentaremos também aspectos gramaticais da Libras, a partir da descrição fonológica proposta por Stokoe (1960) para as línguas de sinais. Em seguida nos debruçaremos sobre os estudos do léxico, conceituando o léxico e como estes estudos estão voltados para as línguas de

sinais. Explanaremos, então, uma proposta de estruturação para o léxico das línguas de sinais. Traremos um trabalho que descreve os processos de formação de sinais na Libras que nos servirá como base para entender a formação das expressões idiomáticas na Libras. Logo após, introduziremos os estudos da Semântica Lexical com a noção de traços fonológicos, sintáticos e semânticos. Para finalizar a fundamentação teórica, apresentaremos os trabalhos que conceituam e descrevem as expressões idiomáticas de línguas orais, o que nos servirá como ponto de partida para descrever as expressões idiomáticas da Libras.

No capítulo da metodologia apresentaremos o perfil dos participantes e o procedimento para a coleta de dados que será realizada por meio de uma entrevista com surdos e ouvintes. Traremos também na metodologia 10 expressões que serão verificadas no capítulo de análise para entender como elas são interpretadas por surdos e ouvintes. No capítulo da análise, faremos uma análise quantitativa dos dados coletados a partir das respostas dos participantes às expressões apresentadas e uma análise qualitativa, a partir da descrição linguística das expressões e das respostas dos participantes sobre as expressões. Para finalizar o trabalho, apresentaremos as considerações finais da pesquisa e as referências bibliográficas.

## **II. CAPÍTULO - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1 GRAMÁTICA DA LIBRAS**

Nesta seção, exploraremos os conceitos e os fundamentos essenciais dentro da Linguística para a compreensão a respeito da constituição da Libras enquanto uma língua natural e da gramática da Libras, bem como aspectos relevantes para o desenvolvimento de pesquisas neste campo de estudo.

O objetivo da Linguística pode ser considerado como a investigação, descrição e análise, sob o rigor da ciência, das línguas naturais humanas em todos os seus aspectos. Para que uma língua seja caracterizada como natural, é necessário que atenda a critérios ou traços a elas atribuídos, a saber: flexibilidade e versatilidade; arbitrariedade; descontinuidade; produtividade/criatividade; organização em dupla articulação; padrão de organização de seus elementos; e dependência estrutural (QUADROS; KARNOPP, 2004).

De acordo com Quadros e Karnopp (2004, p. 26), tais propriedades podem ser definidas como se segue: flexibilidade e versatilidade significam a possibilidade de comunicar emoções, informar, perguntar, abstrair, fazer referências temporais, narrar experiências; arbitrariedade se

traduz na ausência de uma associação inerente entre signo e significado; descontinuidade diz respeito ao fato de que “as palavras que diferem de maneira mínima na forma normalmente apresentam uma diferença considerável no significado”; produtividade/criatividade têm a ver com a propriedade de se produzir novos significados às sentenças; dupla articulação se refere à atribuição de significado à combinação de, no mínimo, dois fonemas; padrão de organização dos elementos trata-se da maneira como podem ser arrançados os componentes de uma língua; por fim, a dependência estrutural está relacionada à dependência que as estruturas de uma língua possuem e que propiciam o entendimento dos enunciados.

Isto significa que uma língua natural é aquela que, dada sua complexidade, é dotada de mecanismos estruturais através dos quais se admite a expressão de todo e quaisquer significados, sejam eles relativos ao presente, ao passado ou ao futuro, de qualquer gênero, de acordo com a exigência comunicativa.

A Língua Brasileira de Sinais – Libras – foi reconhecida no Brasil pela Lei Nº 10.436, de 24 de abril de 2002. No Parágrafo único do Art. 1º, a referida Lei traz o entendimento de que a Libras é uma forma de expressão e comunicação “em que o sistema linguístico é de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituindo um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos da comunidade de pessoas surdas do Brasil”.

Esse reconhecimento legal corrobora com os estudos de Stokoe acerca do funcionamento das Línguas de Sinais. Foi a partir dos estudos linguísticos do americano William Stokoe, em 1960, ao investigar os fenômenos das descrições dos níveis fonológicos e morfológicos identificados na *American Sign Language* – ASL – que a Língua de Sinais passou a ser reconhecida gramaticalmente (FERREIRA-BRITO, 2010; GESSER, 2009; QUADROS e KARNOPP, 2004).

Anteriormente a esse reconhecimento linguístico havia uma crença de que as Línguas de Sinais eram um sistema de códigos limitado e incapaz de expressar conceitos abstratos, (GESSER, 2009), inviabilizando a “possibilidade de se acreditar em construções linguísticas complexas e, muito menos, metafóricas” (FARIA, 2003, p. 212). Entretanto, segundo Quadros e Karnopp (2004), estudiosos no mundo todo realizam pesquisas a fim de desmistificar estas e outras concepções inadequadas acerca das línguas de sinais.

Neste sentido, os estudos evidenciaram que as Línguas de Sinais apresentam estrutura gramatical própria em seus níveis sintáticos e semânticos, morfológicos, fonológicos e

pragmáticos (SANTANA, 2007). Dessa forma, passaram a ser compreendidas enquanto línguas “completas, complexas, de modalidade espaço-visual e possuem o espaço como canal de comunicação” (BERNARDES, 2020), diferindo das línguas orais pela forma com que se diferindo das línguas orais pela forma como organizam sua gramática. Isso significa que a expressão linguística das línguas de sinais, cujos articuladores são manuais, com realização no espaço à frente do sinalizante, mais um conjunto de expressões corporais, que envolvem as chamadas marcas não manuais expressas no rosto e nos movimentos rotacionais da cabeça e do tronco, compõem uma organização gramatical específica, com nítida distinção do que ocorre com as línguas orais. Por tudo isso, a Libras, bem como as demais línguas de sinais carecem de investigações linguísticas mais consistentes, em que sua gramática seja descrita *per si*, sem as interferências do que se tem feito sobre as línguas orais. Não se quer dizer com isso que as descrições das línguas orais não podem contribuir para as investigações em línguas de sinais; nossa defesa é por uma descrição da Libras levando em consideração o modo como a gramática dessa língua se organiza, incluindo-se aí a sua estrutura lexical.

No que diz respeito à constituição do sinal, Gesser (2009, p.14) explica que Stokoe sugeriu um esquema para a estrutura linguística dos sinais presentes nas línguas de modalidade visuo-motoras, no que propôs a decomposição da ASL a fim de detectar os aspectos formativos dos sinais. Neste sentido, identificou nas línguas de sinais três parâmetros constituintes, nomeando-os de: *Configuração de mão (CM)*; *Ponto de articulação (PA)* ou *Locação (L)* e *Movimento (M)*.

Posteriormente, ainda segundo a autora, a partir de 1970, Battison (1974), Klima e Bellugi (1979) iniciaram pesquisas fonológicas sobre a estrutura gramatical da Língua Americana de Sinais e identificaram um quarto parâmetro: a orientação da palma da mão (O):

Ficou demonstrado que dois sinais iguais com os mesmos outros três parâmetros iguais (CM, L, M) poderiam mudar de significado de acordo com a orientação de mão. Esse contraste de dois itens lexicais com base em um único componente recebe, em linguística, o nome de “par mínimo”. Nas línguas orais, por exemplo, *pata e rata* se diferenciam significativamente pela alteração de um único fonema: a substituição do /p/ por /r/. No nível lexical, temos em Libras pares mínimos como os sinais *grátis* e *amarelo* (que se opõem quanto a CM), *churrascaria* e *provocar* (diferenciados pelo M), *ter* e *Alemanha* (quanto à L) (GESSER, 2009. p. 14, 15).

Conforme apontam Quadros e Karnopp (2004), começou-se a propagar a visão de que os quatro parâmetros das línguas de sinais até então conhecidos, CM, PA, M e O, se

configurariam como as unidades mínimas destas modalidades de língua, tais como os fonemas se constituem como as unidades mínimas das línguas orais.

O parâmetro O tem importante papel não só nos processos flexionais da língua, a exemplo do que ocorre em Libras nos pares AVISAR-ALGUÉM e SER-AVISADO, em que a flexão do verbo se dá de acordo com o sinalizante e dependente da orientação de mão, portanto, “esse parâmetro [orientação da palma da mão] não serve apenas para marcar a flexão do verbo, mas também para marcação, por exemplo, de negativas como “querer” e “não querer”, “saber” e “não saber”, “gostar” e “não gostar”...(GESSER, 2009, p. 16).

No tocante à realização do sinal, temos como principais articuladores as mãos. Os sinais podem ser produzidos em ambas as mãos, todavia, além das mãos, utilizam-se as marcações não-manuais (MNM) para produzir informações linguísticas. Este parâmetro foi adicionado às unidades formacionais dos sinais no decorrer de análises posteriores aos estudos de Stokoe. Conforme explicam Quadros e Karnopp (2004), as MNM, expressões faciais e corporais foram adicionadas à fonologia dos sinais a partir dos estudos de Battison (1974, 1978), sendo este o quinto parâmetro constituinte na formação do sinal. Gesser (2009, p.18) afirma que as expressões faciais são “elementos gramaticais que compõem a estrutura da língua; por exemplo, na marcação de formas sintáticas e atuação como componente lexical”.

Desse modo, pode-se afirmar que as línguas de sinais apresentam especificidades, mas que também seguem princípios básicos gerais, que são utilizados para a “geração de formas de estruturas linguísticas de forma produtiva, possibilitando a produção de um número infinito de construções a partir de um número finito de regras” (FERREIRA-BRITO, 1997, p. 23). Desta forma, iremos utilizar estudos gerais sobre o léxico, além dos estudos mais específicos sobre as línguas de sinais, e sobre Expressões Idiomáticas para nos servir como ponto de partida para a nossa investigação.

Discutir e analisar semanticamente as Expressões Idiomáticas encontradas na Libras nos inscreve prontamente no campo dos estudos do Léxico, mais especificamente, da Fraseologia. Acreditamos que um trabalho dentro da Fraseologia da Língua Brasileira de Sinais envolvendo seus aspectos semânticos referentes às Expressões Idiomáticas contribuirá para os estudos linguísticos da língua. Assim sendo, abordaremos os principais aspectos relacionados ao léxico da Libras na seção posterior.

## 2.2 LÉXICO DA LIBRAS

Nesta seção, abordaremos questões do léxico e seus elementos. Inicialmente iremos definir léxico e lexicologia, para em seguida apresentarmos uma breve introdução sobre o conceito de léxico de uma maneira geral e, em seguida, uma explanação mais específica sobre o léxico da Libras, pois é a partir dele que discutiremos sobre Expressões Idiomáticas na seção seguinte.

O estudo do léxico possibilita, dentre outras coisas, a documentação da variação lexical de determinado grupo de usuários de uma dada língua, tendo em vista que no léxico estão registrados elementos culturais, históricos e sociais dos falantes. Assim, é de se imaginar que estes elementos sejam dinâmicos e acompanhem as transformações dessa comunidade. No sentido de facilitar o entendimento a respeito das Expressões Idiomáticas (EIs) da Libras, foco do presente estudo, e que serão mais detalhadamente explanadas mais adiante, é importante que discutamos a respeito do léxico das línguas naturais.

Ao longo das investigações sobre o léxico das línguas naturais, diversos estudiosos o conceituaram de formas distintas. Apresentaremos a seguir alguns destes conceitos. Podemos definir léxico, segundo Souza (2014, p. 5), como um “conjunto das unidades significativas de uma dada língua, num determinado momento da sua história”. Bernardes (2020) nos traz que

O léxico, originário do grego *lexis* – palavra, pode ser definido como o conhecimento linguístico interiorizado pelos falantes de uma língua que pode ser utilizado por estes para se expressarem de uma forma oral/sinalizada ou escrita. (BERNARDES, 2020, p. 38).

Margarida Basílio (2007, p.7) afirma que “as palavras, ou itens lexicais, são os elementos básicos que utilizamos para formar enunciados”, logo, constituem o Léxico das línguas. Basílio (Op. Cit.) explica que estudar o léxico de uma língua não é uma tarefa fácil, pois os processos regulares de formação de palavras existem paralelamente às extensões de sentido e acidentes históricos, isso porque a língua está em constante transformação, logo, o léxico sofre mudanças a todo tempo e, como discute Faraco (2005, p. 14), apesar disso, as línguas continuam organizadas oferecendo “aos seus falantes os recursos necessários para a circulação dos significados”.

Já a lexicologia é a ciência que estuda o léxico de uma língua, que se dispõe a investigar as palavras em todos os seus aspectos, principalmente no que diz respeito à sua morfologia e semântica (BERNARDES, 2020), sendo o léxico a unidade básica da lexicologia.

A lexicologia abrange vários domínios, dentre eles, o domínio da Semântica. Para a autora acima mencionada, esta dimensão da lexicologia está intrinsecamente ligada aos aspectos históricos, culturais e temporais envoltos a uma dada língua. Dessa forma, tais aspectos irão certamente influenciar o sentido atribuído para o sinal pelos falantes em seus enunciados.

Baricic (2014) afirma que a gramática pode ser conceituada como a simbolização e a estruturação dos conteúdos semânticos. Em Cançado e Amaral (2016, p. 13), encontramos o conceito de Semântica como a área que

[...] se ocupa do estudo sistemático do significado de palavras e sentenças, estabelecendo seu escopo de estudo dentro do sistema, da estrutura, de uma língua natural, sem levar em conta elementos externos esse sistema (CANÇADO & AMARAL, 2016, p. 13).

Desse modo, a Semântica estuda o sentido das palavras e o sentido das sentenças nas línguas naturais, sendo, pois, a Semântica Lexical a subárea que estuda especificamente o sentido das palavras “estabelecendo relações entre propriedades linguísticas e o sentido dos itens lexicais” (CANÇADO & AMARAL, 2016, p. 16).

Faraco (2005, p. 42) afirma que é no léxico que se percebe a relação mais estreita entre língua e cultura, isso porque, conforme Biderman (2001, p.14 *apud* SOUZA; FERNANDES; XAVIER, 2018), o léxico é “[...] o patrimônio vocabular de uma dada comunidade linguística ao longo de sua história. Para as línguas de civilização, esse patrimônio constitui-se um tesouro cultural e abstrato [...] herança de signos lexicais”. Corroborando com esta definição, Vilela (1994, p. 6) conceitua o léxico como sendo “a parte da língua que primeiramente configura a realidade linguística e arquiva o saber linguístico de uma comunidade”.

Numa perspectiva gerativista, o léxico pode ser pensado

[...] como o componente da gramática que contém todas as informações sobre as propriedades estruturais dos itens lexicais, ou seja, sua especificação semântica, sintática e fonológica. Dessa forma, é importante ressaltar que o léxico é visto como um componente da gramática que comporta regras e generalizações diferentemente de uma visão do léxico como simplesmente um repositório de idiosincrasia. (CANÇADO & AMARAL 2016. p. 26).

Ainda conforme as autoras supracitadas, cada item lexical assume uma informação semântica que vai além da idiosincrasia, havendo também diversos sentidos gramaticais que são marcados pela sintaxe.

As primeiras investigações sobre as línguas de sinais surgiram no ano de 1960, tendo como principal referência o linguista Stokoe. Essas pesquisas possuíam um caráter estritamente descritivo, com foco em aspectos gramaticais da ASL.

Ao contrário do que frequentemente se imagina, nas línguas sinalizadas o Léxico é constituído de seus sinais, não a partir das palavras advindas do alfabeto manual, ou seja, da “transposição para o espaço, através das mãos, dos grafemas da palavra da língua oral” (FERREIRA-BRITO, 1997, p. 23). Conforme discutido na seção anterior, a estrutura sublexical dos sinais é formada a partir de suas unidades mínimas espaciais, isto é, dos cinco parâmetros do sinal, a saber: CM; PA; L; M e MNM. Para Ferreira-Brito, estes parâmetros, quando alterados ou substituídos por outros, produzem uma nova forma linguística, com um outro significado. Podemos observar nos sinais APRENDER e SÁBADO, por exemplo, pares mínimos que apresentam formas fonológicas iguais, exceto por seu ponto de articulação (PA).

O léxico das línguas de sinais, portanto, se constitui a partir de combinações de suas unidades mínimas. No entanto, para que uma combinação de unidades mínimas constitua parte do léxico de uma língua há algumas restrições que devem ser observadas. Os sinais, para que sejam aceitos como integrantes do léxico da Libras, precisam seguir padrões que coordenam a sua formação. Esse sistema de criação de sinais das línguas de sinais a partir da combinação de unidades mínimas é composto por processos de flexão, incorporação, derivação, composição e construções com classificadores.

As línguas de sinais apresentam uma forte característica de estruturação simultânea das unidades mínimas, contudo, linguistas apontam que, para além da simultaneidade, a construção dos sinais em algumas línguas de sinais também pode apresentar linearidade (ARONOFF; MEIR; SANDLER, 2005). Estas línguas de sinais possuem gramática própria e seu Léxico admite propriedades complexas que, conforme Quadros e Karnopp (2004), não existem em línguas orais.

No sentido de catalogar o Léxico da Libras, diversos dicionários físicos e virtuais foram criados, tais como o produzido pelo INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos) e o Novo Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira – DEIT-Libras (Libras, Português, Inglês), (CAPOVILLA, 2001). Todo este desenvolvimento de estudos do Léxico da Libras, afirma Silva Júnior (2018), fortalece os sinais utilizados enquanto elementos linguísticos de uma língua visuoespacial.

Sendo as Línguas de Sinais línguas naturais (GESSER, 2009; QUADROS e KARNOPP, 2004; FERREIRA-BRITO, 1997), o léxico da Libras também se constitui como um patrimônio da comunidade de seus falantes e como toda língua em constante processo de mudança, seu léxico é infinito, pois

[...] assim como o léxico de qualquer língua, é infinito no sentido de que sempre comporta a geração de novas palavras. Antigamente, pensava-se que a LIBRAS era pobre porque apresentava um número pequeno de sinais ou palavras. Pode acontecer que uma língua, que não é usada em todos os setores da sociedade ou que é usada em uma cultura bem distinta da que conhecemos, não apresente vocábulos ou palavras para um determinado campo semântico. Entretanto, isso não significa que esta língua seja pobre porque potencialmente ela tem todos os mecanismos para criar ou gerar palavras para qualquer conceito que vier a ser utilizado pela comunidade que a usa. Por exemplo, a LIBRAS não tinha um sinal para o conceito “linguística” até há poucos anos. A medida que os surdos foram se inteirando do que se faz em linguística, do que significa linguística, houve a necessidade de gerar<sup>1</sup> um sinal para esse conceito. (FERREIRA-BRITO, 1997, p.30).

Faria (2003) salienta que conhecer o léxico de uma língua não é conhecê-la e, como cada língua possui estrutura própria, não existe necessariamente uma correspondência biunívoca entre os termos lexicais de uma outra língua. Em razão disso, Tagnin (2005, p. 15) explica que há “expressões que são convencionais por estarem intimamente ligadas a um fato social”. Este é o caso das Expressões Idiomáticas (EIs), foco do presente estudo.

É sabido que Libras possui uma ampla variedade de formas de expressão, o que inclui uma gama de EIs. Por serem atravessadas por traços culturais intrínsecos à Comunidade Surda e pelas variações linguísticas características da região dos falantes, apresentam significações próprias da língua e constituem um desafio para os processos de ensino e de tradução/interpretação da Libras.

Neste sentido, parece bastante relevante conhecer como uma língua como a Libras, de natureza visuoespacial, estrutura e usa suas unidades fraseológicas, as quais só podem compreendidas no uso efetivo da língua, pois envolvem fatores socioculturais e históricos da comunidade linguística. A fim de compreender melhor o assunto, na seção seguinte, será realizada uma revisão de literatura sobre os aspectos teóricos relacionados à fraseologia da Libras no que se refere às Expressões Idiomáticas.

---

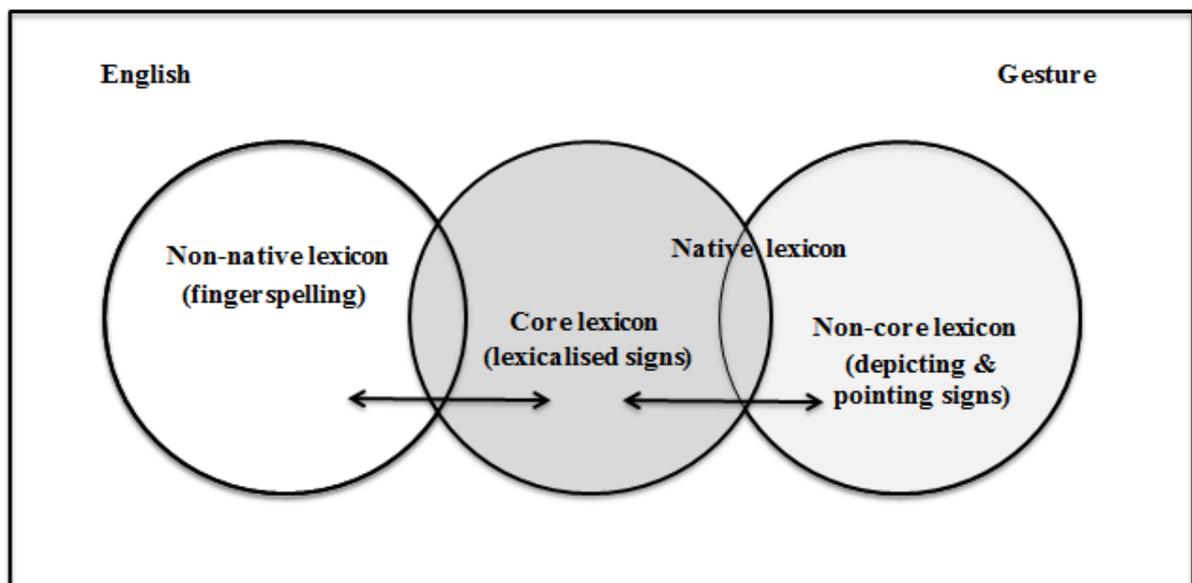
<sup>1</sup> Na verdade, o sinal para LINGUÍSTICA usado na Libras vem por empréstimo da ASL. Parece que o exemplo mostrado pela autora não é adequado ao que ela está discutindo, ou seja, a geração de um novo sinal a partir de uma necessidade da Língua de expressar o conceito de LINGUÍSTICA.

### 2.2.1 ESTRUTURA LEXICAL DA LIBRAS

Iremos apresentar uma proposta de estruturação do léxico da Libras a partir de uma pesquisa realizada por Santos (2018) sobre o uso de hiperônimos e hipônimos na Libras. O autor apresenta um modelo de estrutura do léxico para explicar como crianças surdas formam hipônimos a partir da combinação de outros elementos presentes no léxico. Para tanto, o autor se utiliza de conceitos da Semântica Lexical, como “traços semânticos” em sua explanação. Tal proposta nos será útil para descrever as expressões idiomáticas investigadas nesta pesquisa.

O autor utiliza uma figura criada por Johnston & Schembri (2007) para explicar o léxico da língua de sinais australiana, mas que foi adaptado pelo autor para descrever o léxico da Libras.

**Figure 1: Modelo de léxico para a Língua de Sinais Australiana (Auslan)**



Fonte: Johnston e Schembri (2007, p. 158)

Para Santos (2018), assim como o Auslan, a Libras também possui uma estrutura com um núcleo (círculo central) e duas áreas não-nucleares em interação com o núcleo, sendo uma parte do léxico nativo e uma área fora do léxico nativo. Explicaremos brevemente cada área a seguir.

A parte do léxico não nativo e não nuclear são os sinais que não fazem parte da Libras, mas que podem vir a entrar no núcleo a partir de empréstimos linguísticos. Os empréstimos podem ser de outras línguas de sinais, ou de línguas orais. Santos (2018) afirma que o contato entre a Libras e o Português faz com que “muitas palavras do português terminam por se

tornarem comuns para os surdos. Na maior parte das vezes, quando não há um sinal que remete diretamente para tal ideia ou conceito, a datilologia ganha evidência” (SANTOS, 2018, p. 76). Além disso, nomes próprios de pessoas e lugares são comumente sinalizados através da soletração manual da escrita dos nomes em português.

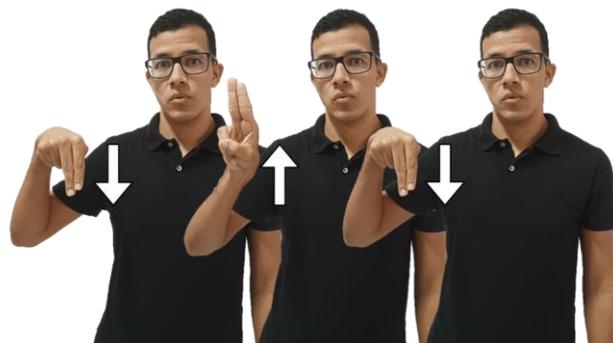
Santos (2018) explica que algumas soletrações manuais podem se tornar sinais do núcleo do léxico, por isso há uma intersecção entre os círculos. Em Libras, “Temos os exemplos clássicos como o sinal NUNCA e AZUL; ao observá-los diacronicamente, é possível perceber nitidamente o processo de nativização desses itens lexicais.” (Idem, 2018, p. 76) as imagens abaixo ilustram estes exemplos.

**Figure 2: Sinal soletrado manualmente: N-U-N-C-A**



Fonte: o autor.

**Figure 3: Sinal soletrado manualmente: N-U-N**



Fonte: o autor.

**Figure 4: Sinal soletrado manualmente: A-Z-U-L**



Fonte: o autor.

**Figure 5: Sinal soletrado manualmente: A-L**

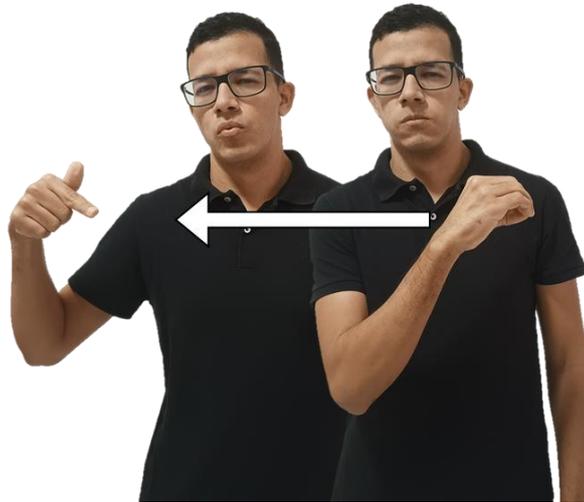


Fonte: o autor.

Nas imagens acima, vemos que há uma sinalização parcial da soletração da palavra em português. No processo de nativização, ou seja, de formação do sinal no núcleo do léxico, algumas configurações de mão foram emitidas, e um movimento foi padronizado para os sinais. Este processo pode ser observado na expressão idiomática “007”. Esta expressão idiomática é amplamente conhecida na comunidade surda brasileira como sendo sinônimo de alguém que é muito inteligente e esperto, como o personagem James Bond do filme 007. Portanto, em Libras, dizer que alguém é 0-0-7 é o mesmo que dizer que a pessoa é esperta. O sinal passou por um processo de nativização, pois na sinalização do sinal, um 0 é omitido e o sinal ganha um

movimento lateral, além da expressão facial que será aplicada no contexto, conforme a imagem abaixo.

**Figure 6: Sinal soletrado de número manualmente: 0-0-7**



Fonte: o autor.

Além de sinais que adicionados ao núcleo do léxico através de empréstimos linguísticos, há sinais que entram no léxico a partir de sinais nativos não nucleares, chamados por Johnston e Schembri (2007) de sinais de representação, os quais podemos interpretar como classificadores. Os classificadores são nativos das línguas de sinais, pois são gerados pela própria língua em contextos de comunicação, no entanto, “podem apresentar realizações sem restrições fonológicas da língua”, pois não têm uma fonologia e semântica estáveis, estando sempre vinculados a outros sinais.

No exemplo abaixo, extraído dos resultados da pesquisa de Santos (2018), o autor analisa a produção do sinal composto abaixo como sendo a junção do sinal CACHORRO com um classificador da orelha do cachorro em seguida.

**Figure 7: CÃO + FORMATO DE ORELHA (Pastor-alemão)**



Fonte: Santos (2018, p. 125)

O primeiro sinal está no núcleo do léxico, pois apresenta uma forma e um significado estável, enquanto que o segundo pode variar de forma, a depender da orelha que irá descrever, mas também pode variar de significado, podendo, em outros contextos representar um chapéu, por exemplo.

Por fim, apresentaremos os sinais que estão no núcleo do léxico, objetos desta pesquisa. Johnston e Schembri (2007) classificam estes sinais em três categorias: sinais completamente especificados; sinais compostos por dois sinais completamente especificados; e sinais incompletos, que receberão informação sintática, “É o caso dos verbos com concordância que podem incorporar o sujeito e o objeto no sinal, a partir da direcionalidade.” (Santos, 2018, p. 76). As expressões idiomáticas que serão analisadas nesta pesquisa são sinais únicos ou compostos de sinais completamente especificados. Na seção a seguir, apresentaremos brevemente como sinais no núcleo do léxico da Libras são formados.

### **2.2.2 A FORMAÇÃO DE SINAIS NO LÉXICO DA LIBRAS**

Nesta seção, apresentaremos alguns aspectos da morfologia dos sinais na Libras a partir de Xavier e Neves (2016). Os autores apresentam os principais processos de formação de sinais que acontecem no núcleo do léxico.

Inicialmente, os autores estabelecem uma diferença entre flexão e derivação. Sobre derivação, os autores afirmam que

para designar novos conceitos, as línguas, em geral, não criam novas palavras a partir de formas completamente inéditas, formadas exclusivamente para elas, mas sim através do reaproveitamento de palavras já existentes em seu léxico. Esse fenômeno pode se dar por meio da derivação (XAVIER & NEVES, 2016, p. 130)

Eles ainda afirmam que a derivação pode acontecer por meio de afixação ou de composição nas línguas orais. Entretanto, nas línguas de sinais, além da flexão, processos que modificam o significado do sinal podem ser divididos em três, a saber: derivação, composição e fusão. Estes processos serão explicados nesta seção.

Quanto ao processo de flexão, diferente do conceito ligado às línguas orais, como no português, em que a flexão pode ser de gênero, número e grau, os autores se utilizam de explicam que Johnston e Schembri (2007) para dizer que este mesmo processo que altera a forma do sinal é chamado de “modificação de sinais” e difere do que se entende como flexão para as línguas orais “com exceção do fato de esse processo não gerar novos sinais, mas diferentes formas de uma mesma palavra, ele não apresenta exatamente as mesmas características que os casos designados como flexão nas línguas orais” (XAVIER & NEVES, 2016, p. 131). Os autores afirmam que a flexão na Libras pode acontecer quando um sinal incorpora quantidade, negação, argumento e/ou intensidade.

Além dos casos já mencionados de lexicalização de soletrações manuais e de sinais classificadores que se transformam em sinais do núcleo diacronicamente, o quadro abaixo apresenta basicamente os processos de formação de sinais no núcleo do léxico, segundo Xavier e Neves (2016).

**Quadro 1: Processo de formação de sinais no núcleo do léxico ou Modificação de sinais**

Modificação de sinais sem alteração do significado (Flexão)				Modificação de sinais gerando um novo sinal		
Quantidade	Negação	Argumento	Intensidade	Derivação	Composição	Fusão

Fonte: o autor.

Os autores apresentam exemplos para cada tipo de flexão. O quadro abaixo traz alguns destes exemplos.

**Quadro 2: Exemplos para cada tipo de flexão: QUANTIDADE, NEGAÇÃO, ARGUMENTO, INTENSIDADE**

TIPO DE FLEXÃO	FORMA DE CITAÇÃO	SINAL FLEXIONADO	MODIFICAÇÃO MORFOLÓGICAS
QUANTIDADE	 UM-MÊS	 DOIS-MÊS	CONFIGURAÇÃO DE MÃO
NEGAÇÃO	 QUERER	 NÃO-QUERER	ORIENTAÇÃO DA PALMA DA MÃO
ARGUMENTO	 eu AVISAR você Eu aviso você.	 você AVISA eu Você me avisa.	MOVIMENTO E ORIENTAÇÃO DA PALMA DA MÃO
INTENSIDADE	 EXPERIÊNCIA	 EXPERIÊNCIA	MOVIMENTO

Fonte: Xavier e Neves (2016, p. 133 e 140)

A flexão de quantidade pode ser utilizada em advérbios temporais como horas, dias, semanas, meses e anos (XAVIER & NEVES, 2016). Já a negação está mais ligada a verbos e se caracteriza pela “mudança em sua orientação da palma, além do acréscimo de marcações não-manuais típicas da negação, como, por exemplo, o balançar da cabeça” (XAVIER & NEVES, 2016, p. 134).

Assim como a incorporação de negação, a flexão de argumento também está associada ao verbo. A flexão pode acontecer incorporando sujeito e objeto, ou só objeto, a depender do verbo. No verbo ilustrado acima, FALAR, a flexão incorpora sujeito e objeto, pois a posição de início do sinal denuncia o sujeito e a posição final denuncia o objeto. No entanto, em sinais como FALAR, somente o objeto é incorporado (XAVIER & NEVES, 2016). Quanto à incorporação de referentes, há ainda a possibilidade de o verbo incorporar o lugar do objeto, como CORTAR-COM-TESOURA que pode ser sinalizado com a mão próximo ao cabelo, se o objeto for cabelo, ou no espaço neutro (em frente ao tronco) se relacionando a um objeto já mencionado naquela posição (Idem, 2016).

Em relação à intensidade do verbo, o sinal pode ser flexionado mudando a configuração de mão, (cf. PACIÊNCIA, CAIPIRA) extensão do movimento (cf. EXPERIÊNCIA, PROFISSIONAL, SACRIFÍCIO) e duplicação de mãos, ou seja, um sinal que comumente é realizado com uma mão ser realizado com as duas mãos realizando o mesmo sinal (cf. NÃO-TER, O-QUE), conforme as figuras abaixo.

**Quadro 3: Tipos de flexão de intensidade**

	SINAL INICIAL	SINAL FLEXIONADO
FLEXÃO DA CONFIGURAÇÃO DE MÃO	 <p>PACIÊNCIA</p>	 <p>PACIÊNCIA</p>

EXTENSÃO DO MOVIMENTO	 <p>EXPERIÊNCIA</p>	 <p>EXPERIÊNCIA</p>
DUPLICAÇÃO DE MÃOS	 <p>NÃO-TER</p>	 <p>NÃO-TER</p>

Fonte: Xavier & Neves (2016, p. 140).

Uma diferença importante salientada pelos autores entre a flexão em línguas orais e os exemplos trazidos aqui é que a flexão nas línguas de sinais não se limita a determinadas classes gramaticais, e não abarcam toda a classe gramatical, ou seja não somente verbos e nomes irão ser flexionados e nem todos os verbos e nomes irão flexionar desta forma. Por esta razão, o termo “modificação de sinais” parece ser mais adequado, pois se separa do conceito clássico de flexão.

É importante lembrar que tais mudanças não alteram o significado dos sinais, mas adicionam uma informação específica, diferente da derivação, da composição e da fusão que “consiste na alteração da forma de um sinal já existente para designar um novo conceito (relacionado, mas) diferente do expresso pelo sinal original” (XAVIER & NEVES, 2016, p. 141). O quadro abaixo traz os três processos com a diferença básica entre eles, segundo os autores.

**Quadro 4: Três processos com a diferença básica: DERIVAÇÃO, COMPOSIÇÃO, FUSÃO**

DERIVAÇÃO	COMPOSIÇÃO	FUSÃO
Alteração de pelo menos um dos parâmetros do sinal primitivo.	Criação de novos sinais a partir da derivação por composição de dois outros sinais já existentes na língua.	Junção de partes de sinais existentes para a formação de outro.

Fonte: o autor.

Para exemplificar o conceito de derivação, apresentaremos dois exemplos trazidos pelos autores.

**Quadro 5: Exemplos de sinais derivados**

SINAL INICIAL	SINAL DERIVADO	TIPO DE MUDANÇA MORFOLÓGICA
 PERGUNTAR	 PESQUISAR	MOVIMENTO
 CASA	 FAVELA	MOVIMENTO E ORIENTAÇÃO

Fonte: Xavier e Neves (2016, p. 141 e 142)

O interessante de se notar aqui é que a mudança na derivação está associada a um traço semântico do sinal derivado. Em PESQUISAR, a repetição do movimento nos leva a entender o verbo como sendo um processo mais longo envolvendo uma ou mais perguntas, no sentido de a pesquisa ser o debruçar-se sobre uma ou mais perguntas. Em FAVELA, os autores explicam que “o movimento contorcido dos pulsos para frente sugere as más condições dos

barracos e a sua numerosidade” (XAVIER & NEVES, 2016, p. 142). Podemos concluir que o processo de derivação associa uma mudança morfológica ao novo significado do sinal.

Quanto à composição, os autores explicam que em línguas orais ela

não consiste simplesmente da justaposição de duas ou mais palavras, mas envolve também mudanças na forma das palavras originais. Um exemplo disso em português é a palavra ‘pernilongo’, formada a partir de ‘perna’ e ‘longo’ e que sofreu alteração na sua primeira parte (perna > perni). (XAVIER & NEVES, 2016, p. 146)

Vejam os exemplos abaixo escolhidos pelos autores:

**Quadro 6: Exemplos de compostos**

SINAL INICIAL 1	SINAL INICIAL 2	SINAL DERIVADO	TIPO DE MUDANÇA MORFOLÓGICA
 CASA	 ESTUDAR	 ESCOLA	MOVIMENTO
 CASA	 CRUZ	 IGREJA	MOVIMENTO E ORIENTAÇÃO

Fonte: Xavier e Neves (2016, p. 146 e 147)

Há uma mudança nos sinais quando eles se juntam, assim como em “pernilongo” no português, que é uma composição entre “perna” e “longa”. Em ESCOLA, “observa-se nesse caso um movimento de transição entre as partes mais suavizado, bem como a perda da repetição dos movimentos dos sinais que o formam” (XAVIER & NEVES, 2016, p. 147), ou seja, não é possível que o sinal CASA seja repetido, nem que o sinal ESTUDAR, ou seja, pois eles formam um sinal só. Neste caso, se houver repetição, será dos dois sinais juntos e não só de um sinal.

O mesmo acontece com IGREJA, de forma que os sinais não podem ser repetidos separadamente, mas para além disso, o sinal 2 (CRUZ) “ter sua orientação assimilada à do sinal CASA que o antecede. Nesse caso, sua realização se assemelha à produção de um gesto que

representa a letras ‘x’.” (XAVIER & NEVES, 2016, p. 147). Estas mudanças geradas na composição dos sinais foram estudadas por Johnston e Schembri (2012). Os autores apresentam as possíveis mudanças morfológicas que ocorrem em composições nas línguas de sinais, conforme o quadro abaixo.

- 1- a retenção inicial do primeiro sinal é perdida;
- 2 - qualquer movimento repetido no segundo sinal é perdido;
- 3 - o ponto base do segundo sinal é estabelecido no momento em que o primeiro sinal começa;
- 4 - há transição rápida entre o primeiro e o segundo signo;
- 5 - o primeiro sinal é visivelmente mais curto que o segundo.

Fonte: Johnston e Schembri (2012, p. 825)

Note-se que os itens 4 e 5 são como uma consequência dos itens 1 e 2, pois não havendo retenção ou repetição do primeiro sinal, a mudança do primeiro para o segundo sinal é relativamente rápida e o primeiro sinal é relativamente mais curto. Voltando para os exemplos de Xavier e Neves (2016), no sinal ESCOLA, vemos as mudanças de número 1 e 2 acontecendo nos sinais, e as mudanças 2 e 4 no sinal IGREJA, se levarmos em conta que a mudança de orientação do segundo sinal se dê por conta da rapidez da transição do sinal 1 para o sinal 2 constitutivos do item composto.

Johnston e Schembri (2012) salientam ainda que a junção dos dois sinais geram “itens lexicais novos e distintos, muitas vezes com [...] um significado que pode ou não refletir os significados do lexema de origem e pode ser bastante arbitrário” (Idem, 2012, p. 825), como o sinal CHECK (verificar) em BSL (Língua de Sinais Britânica) que é a junção de SEE (ver) e MAYBE (talvez) (Johnston e Schembri, 2012).

**Quadro 7: Sinais SEE/EYE, MAYBE e CHECK em BSL**

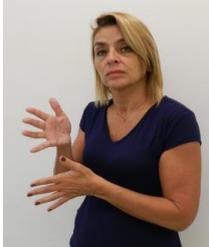
SINAL 1	SINAL 2	COMPOSIÇÃO
		
SEE/EYE	MAYBE	CHECK

Fonte: Spreadthesign - Centro Europeu de Língua Gestual, 2018<sup>2</sup>

<sup>2</sup> Disponível em: <<https://www.spreadthesign.com/pt.br/search/>>. Acesso em: 05 de agosto de 2022.

Por fim, apresentaremos brevemente a fusão, que “consiste na criação de uma nova palavra a partir da junção de pedaços das palavras primitivas, e não da palavra inteira, como acontece nos casos de composição” (XAVIER & NEVES, 2016, p. 147). Os exemplos apresentados pelos autores estão a seguir.

**Quadro 8: Exemplos de fusão**

SINAL INICIAL 1	SINAL INICIAL 2	SINAL DERIVADO	TIPO DE MUDANÇA MORFOLÓGICA
 LETRAS	 LIBRAS	 CURSO LETRAS LIBRAS	SEGUNDA MÃO
 NOME	 SUBSTITUIR	 PRONOME	SEGUNDA MÃO E CONFIGURAÇÃO DE MÃO

Fonte: Xavier e Neves (2016, p. 148)

Segundo os autores, este processo se assemelha à criação de palavras como chafé (chá + café) e sapatênis (sapato + tênis). Focaremos a investigação em sinais formados por composição, derivação e ainda por expressões envolvendo dois sinais que não necessariamente dão origem a um novo sinal. Os conceitos trazidos por esta pesquisa nos servirão de suporte para descrever os sinais que analisaremos na nossa pesquisa. Além disso, será importante analisar semanticamente as derivações, as composições e as expressões com dois sinais que serão observadas nesta pesquisa.

### 2.2.3 A SEMÂNTICA LEXICAL NA LIBRAS

Nesta seção utilizaremos a abordagem da Semântica Lexical para entender como os sinais se relacionam semanticamente no léxico. Para tanto, utilizaremos como base novamente

o trabalho de Santos (2018). O autor explica que os itens lexicais apresentam três tipos de traços, ou seja, de informações internas, a saber: traços formais (ou sintáticos), fonológicos e semânticos. Para o autor, “tais traços não dependem de um contexto para existirem, pois já estão internalizados antes mesmo de o item ser combinado na estrutura sintática” (SANTOS, 2018, p. 64) Desta forma, informações semânticas e fonológicas já fazem parte de um dado item lexical e vão ser combinadas a outras informações de outros itens lexicais na sintaxe.

Iniciaremos explicando o traço semântico. Santos (2018) explica que “esses traços estão relacionados ao significado do item e podem estabelecer restrições quanto à formação de sentenças, ou seja, esse tipo de traço é uma informação cognitiva relevante” (SANTOS, 2018, p. 64). Desta forma, os traços semânticos podem interferir também na estrutura sintática, pois determinados traços semânticos de um item lexical podem não ser compatíveis com os traços semânticos de um outro sinal, fazendo com que a combinação deles na sentença não seja possível.

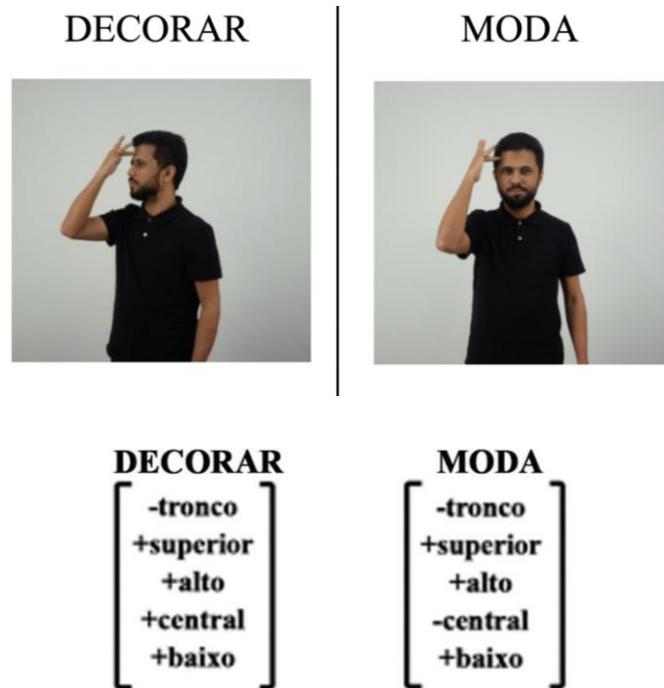
Santos (2018) traz como exemplo na Libras os sinais SAL, AÇÚCAR e AREIA, que apresenta como traço semântico serem elementos não contáveis. Esta informação é fornecida pela interação entre léxico e cognição e é obtida quando uma pessoa adquire esses itens lexicais. O autor afirma que “uma sentença como “EU GOSTAR SAL DOIS” seja agramatical na Libras, pelo fato de o sinal “DOIS” quantificar “SAL” (Idem, 2018, p. 64). O item 2 só pode ser combinado com itens que apresentam o traço semântico de elemento +contável e, por isso, esta sentença é agramatical.

Apesar de os traços semânticos serem fundamentais para a estrutura sintática, são os traços formais que mais carregam as informações necessárias para que a combinação com outros sinais seja realizada de maneira gramatical. Segundo Santos (2018), os diversos tipos de traços formais vão indicar quais as restrições e possibilidades de combinação nas relações sintagmáticas (SANTOS, 2018, p. 65). Verbos como CAIR e FALAR possuem informações gramaticais diferentes, pois o verbo CAIR não é transitivo, enquanto que o verbo FALAR é. Santos (2018) cita também um exemplo de informações relacionadas à categoria gramatical do sinal. Ele explica que “um item como LÁPIS apresenta o traço formal +nominal e, portanto, não poderá ocupar o lugar de predicador verbal (SANTOS, 2018, p. 65). Tais informações vão interferir na maneira como estes verbos vão ser combinados na sentença.

Já os traços fonológicos são informações relacionadas à base do sinal que estão presentes no item lexical e que podem ser modificadas na combinação com outros sinais na

sentença através de processos fonológicos. Uma pesquisa realizada sobre traços fonológicos na Libras foi realizada por Santos (2020) e se propôs a descrever os pontos de articulação dos sinais através de traços. A imagem abaixo exemplifica esta proposta.

**Figure 8: Pares de sinais para o traço (CENTRAL)**



Fonte: Santos (2020, p. 86 e 87)

Para Santos (2020), a diferença entre os sinais acima está somente no traço fonológico **+central**, pois todos os outros traços fonológicos são idênticos. Como vemos, nenhum dos sinais é realizado no tronco, ambos são **+alto** e **+superior**, ou seja, estão na parte do meio da cabeça para cima. O traço **+baixo** indica que o sinal não é feito em cima da cabeça, que seria a parte mais alta da região alta, mas na parte baixa da região alta, restando somente a diferença na centralidade do ponto de articulação, ou seja, no local onde o sinal é realizado.

Apesar da investigação de Santos (2020) ter sua relevância, pois indica uma precisão para identificar os traços fonológicos de um dado sinal, ele trata apenas de do local do sinal, deixando a configuração de mão e o movimento de lado. Além disso, como este trabalho não é sobre fonologia, não necessitamos de um instrumento que seja tão preciso para descrever os sinais. Sendo assim, como já citado, os cinco parâmetros elencados na primeira seção deste capítulo, a saber: o movimento do sinal, o local onde ele é realizado, a configuração de mão, a orientação da palma da mão e a expressão facial são o suficiente para identificarmos as relações entre os traços fonológicos e os traços semânticos na formação das expressões idiomáticas.

Dito isto, entendemos que “esses três tipos de traço oferecem todas as informações necessárias para que estruturas linguísticas sejam geradas” (SANTOS, 2018, p. 70) e este entendimento será importante para analisarmos os sinais utilizados na análise dos dados. A próxima seção apresentará os principais conceitos e reflexões voltados para as expressões idiomáticas num sentido geral e num olhar para as línguas de sinais, ainda que de maneira mais breve.

### 2.3 EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS DA LIBRAS

Conforme Oliveira e Rocha (2016), a Fraseologia é a subárea do Léxico que estuda as construções linguísticas semântico-estruturais de itens lexicais constituídos por duas ou mais palavras, isto é, as Unidades Fraseológicas (UFs) ou fraseologismos. Dentre as UFs, existe uma subcategoria chamada de Expressões Idiomáticas (EIs) sobre a qual recai nosso interesse, devido às possibilidades de pesquisas no âmbito da Fraseologia, bem como em outras esferas, como o ensino e a tradução de línguas. Segundo Xatara (2001), a Expressão Idiomática (EI) ou Idiomatismo é um tipo de fraseologismo.

Tagnin (1989) explica que as expressões possuem significado semanticamente convencionalizado, tendo em vista a dificuldade em compreendê-las por meio da análise de seus componentes isoladamente. Elas são amplamente encontradas nas línguas naturais, podendo ser classificadas, de acordo com Tagnin (1989), como expressões convencionais e idiomáticas. A autora denomina expressões convencionais aquelas cuja compreensão se dá por meio da decomposição de seus itens lexicais, pois, segundo Silva (2018, p. 37), “possuem certo grau de transparência semântica”. Já as expressões idiomáticas, não são compreendidas plenamente através da decomposição de seus itens lexicais, estando mais fortemente atreladas ao contexto cultural de uma comunidade. No entanto, nem sempre essas classificações são explicitadas em dicionários, sendo utilizadas geralmente por fraseologistas.

Algo bastante notável é que, ao falarmos de Expressões Idiomáticas, nos deparamos com inúmeras nomenclaturas utilizadas no decorrer das investigações sobre a temática. Souza, Costa-Pinto e Carvalho (2021) salientam que podemos encontrar na literatura sobre Fraseologia diversas terminologias para designar as Expressões Idiomáticas ou idiomatismos, como os termos “locução” (CASARES, 1950), “expressões fixas” (ZULUAGA, 1980), “aderências” (CARNEADO-MORÉ, 1985) ou “unidades complexas do léxico” (BIDERMAN, 2005). Os

autores apontam ainda que tais termos são imprecisos quanto à sua correspondência à utilização por fraseólogos brasileiros e justifica seus usos pela importação das bases teóricas a que recorrem em suas pesquisas. Optamos aqui pelo uso dos termos Expressões Idiomáticas ou idiotismos.

Entre os principais autores que atuam nesta área, podemos ressaltar Xatara (2001), cujas contribuições marcam o início das investigações da temática em nosso país. Xatara (2001, p. 50) explica que “o léxico de uma língua reflete o recorte da realidade, que é específico da cultura a que essa língua se reporta”. Para ela, as Expressões Idiomáticas são como uma unidade lexical que possui “traços categoriais próprios” de uma dada comunidade linguística. A autora sugere que há uma percepção por parte do falante da ausência, no léxico de sua língua, de expressões que deem vazão àquilo que deseja exprimir, fazendo com que ele crie novas expressões com base em sua cultura.

De acordo com Câmara Jr (2002, p. 142), o Idiomatismo possui o mesmo significado que o Idiotismo. Em termos gerais, trata-se dos “traços linguísticos de uma língua, que melhor caracterizam em face das outras que lhe são cognatas, como por exemplo, em português infinitivo com desinência de pessoa”. Em outras palavras, quer-se dizer que mesmo havendo semelhanças marcadas entre línguas, cada uma delas se configura de modo muito particular a ponto de não se confundirem.

Numa perspectiva estrita, o Idiotismo diz respeito “às construções **vocabulares** [*grifo nosso*] e frasais que não se prestam a uma análise, satisfatória na base dos valores atuais da língua, porque resultam de fenômenos de analogia e atração, da língua” (CÂMARA JR, 2002, p. 142). Quase sempre os idiomatismos ou idiotismos estão relacionados a estruturas formadas por mais de um item lexical, no entanto, Câmara Jr (Op. Cit) destaca o fato de o idiotismo poder aparecer na língua por meio de uma construção vocabular. Embora toda a discussão empreendida pelo autor seja direcionada às línguas orais, o conceito por ele apresentado se aplica de forma bastante coerente às línguas de sinais, uma vez que parece ser recorrente na Libras, por exemplo, idiotismos formados apenas por um sinal e não por locuções (mais de um sinal usados com sentido único).

Câmara Jr destaca ainda: “são especialmente dignos de notas os idiotismos locucionais, cuja significação não decorre dos vocábulos componentes e da sua articulação sintática” (Id. Ibidem), a exemplo de *chorar as pitangas* em português. O termo é proveniente de idiota, do grego *idiotes*, que significa particular, individual.

Para Dubois et al (2007, p. 330), o idiotismo “é toda construção que aparece como própria de uma língua não possuindo nenhum correspondente sintático em outra”, a exemplo de *c'est* em francês, do *infinitivo flexionado* em português.

Em Nascentes (1955, p. 271 *apud* MARQUES, 2016, p. 58) encontramos a definição da palavra *idiotismo*, de origem grega, como sendo “uso próprio de um povo”, e no latim *idiotismus*, “estilo familiar”. Seu significado terminológico demonstra que seu uso é restrito por determinado grupo nativo de falantes, dessa forma, os aprendizes de segunda língua “não conhecem combinações lexicais que não estejam necessariamente baseadas em relações de significado” (TAGNIN, 2005, p. 13), por essa razão, Xatara (2001, p. 50) esclarece que além de conhecerem a gramática e o léxico de uma língua, [os aprendizes] devem memorizar formas cristalizadas e conhecer o significado conotativo e metafórico dessas formas.

Tagnin (2005, p. 62) esclarece que

[...] a idiomaticidade de uma expressão pode ser apenas parcial, [...], apenas o adjetivo é idiomático. Assim podemos dizer que a idiomaticidade é um aspecto que pode existir em maior ou menor escala numa expressão, ou seja, uma expressão não é necessariamente idiomática ou não-idiomática, podendo apresentar maior ou menor grau de idiomaticidade (TAGNIN 2005 p. 62).

Para Xatara (2001, p. 51) a Expressão Idiomática é “uma lexia [palavra] complexa indecomponível, conotativa e cristalizada em um idioma pela tradição cultural”. A autora esclarece que uma EI não é apenas a fusão de duas ou mais palavras, sobretudo, “é uma unidade complexa e indecomponível”, pois seus elementos não se separam, além disso, só pode ser considerada uma EI

[...] quando o seu significado, a ordem de ocorrência dos elementos, as relações de similaridade baseadas nas seleções e as relações de contiguidade baseadas na combinação forem consagradamente convencionais. Esse dado é normalmente fornecido pelo índice de frequência do emprego dessa EI pela comunidade dos falantes (XATARA, 2001, p. 52).

Já Darte (2020, p. 1), conceitua EIs da seguinte forma:

Conceituam-se como expressões idiomáticas aquelas que, perante os estudos linguísticos, são destituídas de tradução. Pode considerar-se que fazem parte daquilo que chamamos de variações da língua, uma vez que retratam traços culturais de uma determinada região. Dotadas de evidente grau de informalismo, são geradas por meio de gírias e tendem a se perpetuar ao longo de toda uma geração.

Então, pode-se concluir que as EI são elementos ou manifestações linguísticas constantes nas línguas naturais, atravessados pela cultura de uma comunidade de falantes/sinalizantes em

particular, que se adequam às suas demandas comunicacionais. Estas são criadas pela comunidade linguística e se cristalizam, ao mesmo tempo em que convencionalizam seu uso no intuito de expressar suas ideias, sentimentos e desejos (SILVA, 2018).

Nas línguas orais, essas expressões são constituídas, quase sempre, por duas ou mais palavras, em que, não há possibilidades de compreensão em seu conceito no sentido literal, o entendimento conceitual das expressões idiomáticas decorre pela situação, em que os falantes expõem seus termos de acordo as circunstâncias de fala. Ortiz Alvarez (2002, p. 199) apresenta as características da EIs, conforme como se segue:

Entendemos por expressão idiomática a combinação (sintagma) metafórica de traços característicos próprios que se cristalizou pelo uso e frequência de emprego (passando do individual para o social) numa determinada língua, apoiada na sua tradição cultural. Do ponto de vista estrutural, ela representa uma lexia indecomponível e está constituída de mais de uma palavra. Do ponto de vista semântico, o significado dos seus elementos constituintes não corresponde ao sentido geral do todo, o sentido global do conjunto não é igual à somatória de suas partes; portanto, a interpretação semântica não pode ser calculada a partir da soma dos seus elementos.

Embora o reconhecimento legal e linguístico da Libras tenha ocorrido recentemente, encontramos um razoável número de publicações que descrevem sua gramática e léxico, entretanto, as pesquisas ainda são incipientes, sobretudo, no tocante à ocorrência das Expressões Idiomáticas nesta língua.

Não sabemos o estatuto linguístico das EIs na Libras, todavia, os usuários “nativos” (surdos, codas ou ouvintes bilíngues desde a infância) fazem uso dessas expressões com alta frequência e sem dificuldades acerca do seu conteúdo semântico. Tal uso sugere que as EIs, diferentemente das línguas orais, são constituídas apenas por um sinal e em geral não possuem uma lexia correspondente na língua Portuguesa.

Dessa maneira, observamos que durante as interações entre os participantes da Comunidade Surda, exige-se que o falante da Libras como L2 tenha um conhecimento além da tradução literal dos itens lexicais ou de expressões da língua, uma vez que um dado sinal, de modo semelhante ao que ocorre em línguas orais, passa por processos de ressemantização, sendo pois ressignificados e mesmo ganhando status de EI, ou seja, tornando-se um uso bastante particular da língua, cujo entendimento se dá apenas por resgate de aspectos culturais da língua e jamais por sentido literal.

Tagnin (2005, p. 62 e 63) afirma que quando uma expressão passa a ter significado diferente do significado dos elementos que a constitui, dizemos que a forma linguística foi

convencionada; trata-se, pois, do processo de convencionalidade de uma EI. Neste sentido, Tagnin (2005, p. 63) apresenta alguns exemplos na Língua Portuguesa:

- a) *Pagar o pato* – sofrer as consequências
- b) *Curto e grosso* – rude, grosseiro
- c) *No papo* – fácil de ser superado
- d) *Bater papo* – conversar
- e) *Pé-de-meia* – economias

A partir desses exemplos, Tagnin (Op. Cit.) apresenta tais estruturas sintáticas, isto é, unidades fraseológicas como sendo expressões idiomáticas, pois o somatório do significado de seus constituintes não representa o significado da expressão.

Por esse viés, a Libras se aproxima da Língua Portuguesa, pois há um quantitativo de sinais que se assemelha com a estrutura dos conceitos das expressões idiomáticas da língua oral; há sinais utilizados pelos surdos, sem conceito definido e de difícil compreensão, uma vez que significado de seu constituinte é diferente do significado da expressão, nos termos de Tagnin (2005).

Em virtude de as EIs na Libras serem aparentemente constituídas apenas por um sinal, o entendimento do usuário e sua imersão na segunda língua torna-se, por vezes, limitado. Aqui é importante destacar duas coisas: a) o impacto da modalidade da língua; b) o conceito de expressão com base na Linguística. Quanto ao primeiro aspecto, cabe destacar que nas línguas orais as EIs, quase sempre, são constituídas por duas ou mais palavras, porém, há muitas expressões que são constituídas apenas por um item lexical:

- a) **Merda!** – No Português.
- b) **Droga!** – No Português.
- c) **Shit!** No Inglês.
- d) **Trop!** No Francês.

Dessa forma, em alguns contextos, nas línguas orais passam por processos de ressemantização e, obviamente, o significado inicial de um dado item se perde no uso, ou melhor, ele é ressignificado.

Em relação ao segundo item destacado, ou seja, o conceito de *Expressão*, é importante trazê-lo para discussão com o objetivo de se elucidar que o conceito de expressão em Linguística é bastante amplo, podendo referir-se a unidades maiores, com um sintagma ou a unidades menores como uma palavra. Segundo Dubois et al (2007, p. 257), Expressão é:

1. “Em gramática tradicional, chama-se *expressão* todo constituinte da frase (palavras, sintagma); 2 – *Elemento de expressão* é a menor unidade do plano da expressão da língua distintiva no plano do conteúdo. (...) Em L. Hjelmslev, qualquer mensagem comporta ao mesmo tempo uma expressão e um conteúdo, isto é, pode ser encontrada do ponto de vista do significante (expressão) ou do significado (conteúdo). A expressão, por sua vez, pode ser considerada (...) sob dois aspectos: como substância, sonora ou visual, segundo se trate da expressão oral ou escrita<sup>3</sup> (...); ou como forma manifestada por essa substância, isto é, como a matéria fônica ou gráfica organizada, aquilo pelo qual o plano da expressão se articula com o plano do conteúdo.

Câmara Jr (1986, p. 114) diz que em sentido lato, *Expressão* é “toda enunciação linguística, pois assim se exterioriza, isto é, se expressa um estado mental. Em sentido estrito, a expressão [expressividade] é a capacidade de fixar e atrair a atenção alheia em referência ao que se fala ou escreve”.

Tomando como referência os conceitos de Expressão expostos por Camara Jr (1986) e Dubois et al (2007), pode-se dizer que Expressão é muito mais que duas formas linguísticas que veiculam um conteúdo contextual; Expressão é, pois qualquer enunciação linguística, expressa por qualquer quantidade de item lexical e manifestada por material gráfico, fônico ou gestual (por meio de língua de sinais).

Tomando como base os referenciais teóricos desta seção, elencamos 5 características principais a serem analisadas em uma determinada expressão ou sinal para identificá-lo como uma expressão idiomática ou não, quais sejam:

- 1. O significado da expressão não é percebido somente pela decomposição de cada item lexical;**
- 2. A expressão está fortemente ligada às questões culturais da comunidade;**
- 3. Cada língua cria suas próprias expressões idiomáticas, tornando a tradução para outras línguas mais complexa;**
- 4. As expressões idiomáticas possuem um alto grau de informalidade;**
- 5. As expressões surgem a partir de contextos de comunicação pontuais e se perpetuam com o tempo.**

---

<sup>3</sup> Embora Hjelmslev trate de uma expressão visual voltada para a escrita, podemos dizer que essa expressão visual se presta adequadamente às línguas de sinais, mesmo que essa teorização tenha sido elaborada com esse propósito.

Estas características nos ajudaram a trilhar um caminho para a caracterização de expressões idiomáticas na Libras. Da mesma maneira, as reflexões sobre a gramática da Libras, os parâmetros propostos pelos autores mencionados, a proposta sobre a estrutura lexical, com a conceituação do núcleo do léxico e as relações morfológicas dos itens lexicais do núcleo, assim como os traços semânticos, fonológicos e formais poderão nos ajudar a descrever os fenômenos linguísticos presentes na formação e na estrutura das expressões idiomáticas a serem analisadas. Na seção seguinte explicaremos como estes conceitos farão parte da metodologia deste trabalho.

### III. CAPÍTULO - METODOLOGIA DA PESQUISA

Neste capítulo iremos apresentar o percurso metodológico desenvolvido para alcançar os resultados desta pesquisa. A metodologia deste trabalho foi adaptada de Oliveira (2020). O pesquisador escolheu 25 gestos emblemáticos no Brasil e entrevistou 3 comunidades brasileiras, a saber: um grupo de surdos, um grupo de indígenas e um grupo de quilombolas para investigar como estes diferentes grupos entendiam os gestos emblemáticos. Assim sendo, escolhemos 10 expressões em Libras e pediremos para surdos e ouvintes explicarem o significado. O protocolo abaixo foi criado por Oliveira (2020) para a coleta de dados. Com base neste protocolo, faremos a coleta de dados.

#### Quadro 9: Protocolo de coleta de dados de Oliveira (2020)

O pesquisador projetou o vídeo com os gestos alvo em um computador portátil DELL, por etapas, de forma que os participantes pudessem visualizar apenas um gesto emblemático por vez. Uma vez projetado o gesto, o pesquisador perguntou o seguinte roteiro de perguntas:

- 1) se os participantes conhecem o gesto visualizado;
- 2) se os participantes conhecem o seu significado.

Havendo coincidência entre as respostas dos participantes e o significado previsto do gesto visualizado, passou-se a outro gesto emblemático e assim até o final. Entretanto, se o(s) participante(s) não conhecesse(m) o gesto visualizado e/ou fornecesse(m) uma resposta de significado destoante do significado original previsto, o pesquisador voltou a perguntar:

- 3) se o(s) participante(s) nunca viu/viram o gesto antes;
- 4) se o(s) participante(s) usa(m) outro gesto para aquele mesmo significado;

5) se o gesto visualizado possui outro significado e contexto de uso na comunidade de prática do(s) participante(s).

Fonte: Oliveira (2020, p. 15)

Iniciaremos este capítulo apresentando os sinais escolhidos para serem analisados com base na fundamentação teórica deste trabalho. Estes sinais serão apresentados aos participantes da pesquisa através de uma entrevista para que eles expliquem o significado dos sinais. Na segunda parte do capítulo, explicaremos como será a coleta de dados, informando o perfil dos participantes e os procedimentos para a entrevista. Por fim explicaremos como os dados serão tratados e como a análise será realizada.

### 3.1 EXPRESSÕES ESCOLHIDAS PARA ANÁLISE

Uma das dificuldades iniciais que tivemos no início desta investigação foi encontrar trabalhos sobre as expressões idiomáticas na Libras. Não encontramos pesquisas que focassem na descrição linguística das EIs e que propusessem uma definição que servisse como parâmetro de identificação destas expressões e, portanto, não conseguimos partir de uma base sólida para a nossa investigação. Desta forma, decidimos investigar o conceito de expressão idiomática no sentido geral e, a partir das características gerais sobre as EIs, procurar sinais que se adequassem a estas características. Conforme dito no capítulo anterior, estas foram as principais características encontradas sobre as Expressões Idiomáticas:

1. **O significado da expressão não é percebido somente pela decomposição de cada item lexical;**
2. **A expressão está fortemente ligada às questões culturais da comunidade;**
3. **Cada língua cria suas próprias expressões idiomáticas, tornando a tradução para outras línguas mais complexa;**
4. **As expressões idiomáticas possuem um alto grau de informalidade;**
5. **As expressões surgem a partir de contextos de comunicação pontuais e se perpetuam com o tempo.**

A partir destas características, procuramos na Libras 10 expressões na Libras sinalizada pela comunidade surda alagoana que apresentassem estas características para, em seguida, analisá-los. Por se tratar de uma pesquisa de mestrado, não tivemos tempo para analisar mais expressões.

Além disso, dividimos a busca por expressões de um sinal (que são mais comuns na Libras) e expressões com dois sinais, para analisarmos as questões morfológicas envolvidas nestas expressões. Seguem abaixo as 10 expressões:

**Quadro 10: Expressões a serem analisadas**

Nº	Expressão em Libras	GLOSA	Significado
1		<p>MENTE-MADURA/ MODA  (EDUCAR)</p>	<p>Quando eu peço pra alguém se comportar educadamente.</p>
2		<p>MÃOS-MENTIR  (LIBRAS MENTIRA)</p>	<p>Quando a pessoa sinaliza mentiras.</p>
3		<p>INFERIOR/QUINTO  (INFERIOR)</p>	<p>Quando a pessoa não tem valor ou fala besteira.</p>
4		<p>CABEÇA-SOLTAR/ NÃO LEMBRAR  (QUERER-NÃO SABER)</p>	<p>Não quer saber do assunto.</p>

5	 	<p><b>ENGANAR-ME</b> <b>(AUSENTE)</b></p>	<p><b>Quando alguém combina de encontrar, mas não vai.</b></p>
6	 	<p><b>CONHECER-RÁPIDO</b> <b>(LEMBRAR)</b></p>	<p><b>Quando eu quero lembrar alguém de algo que eu já disse antes.</b></p>
7	 	<p><b>MENTE-DIFERENTE</b> <b>(REVOLTA)</b></p>	<p><b>Quando alguém fica revoltado.</b></p>

8		<p><b>VOCÊ-DESISTIR</b> <b>(CORAGEM)</b></p>	<p>Quando a pessoa tem coragem pra fazer tudo, ou sem vergonha.</p>
9		<p><b>DIFÍCIL-PESSOA</b> <b>(CHATO/INCOMODAR)</b></p>	<p>Quando a pessoa é muito chato ou sem noção.</p>
10		<p><b>OLHOS-NÃO-TER</b> <b>(NUNCA-VER)</b></p>	<p>Quando eu nunca vi algo igual no mundo.</p>

Fonte: o autor

Partimos do pressuposto de que estas 10 expressões são EIs na Libras. A entrevista com os surdos e ouvintes nos ajudará a entender se de fato são EIs e como, a partir dessa amostragem,

poderemos refletir sobre as EIs na Libras. Em seguida, explicaremos como será realizada a coleta de dados.

### 3.2 COLETA DE DADOS

A coleta de dados foi realizada a partir de uma entrevista em Libras realizada pelo pesquisador com cada participante individualmente pelo Google Meet. Nesta seção apresentaremos o perfil dos participantes da pesquisa e o procedimento para a coleta.

#### 3.2.1 PARTICIPANTES DA PESQUISA

Como pretendemos investigar as EIs a partir da ideia de que uma expressão idiomática é particular a um grupo de falantes, faremos uma entrevista com dois grupos de sinalizantes, surdos e ouvintes. Ambos os grupos são formados por pessoas de Alagoas e que utilizam a Libras há pelo menos 8 anos. Para não expor os participantes, utilizamos nomes de países para representá-los. Os surdos serão representados por países da América, enquanto que os ouvintes serão representados por países da Europa. O quadro abaixo apresenta o perfil dos participantes:

**Quadro 11: Informações gerais sobre os participantes**

Nome Fictício	Idade	Surdo/ Ouvinte	Sexo	Tempo que mora em Alagoas (Anos)	Com qual idade aprendeu/ Adquiriu Libras
Brasil	27	Surdo	Feminino	20	6 anos de idade
Argentina	54	Surdo	Masculino	44	22 anos de idade
Uruguai	46	Surdo	Masculino	43	20 anos de idade
Chile	32	Surdo	Masculino	32	5 anos de idade
Colômbia	26	Surdo	Masculino	26	6 anos de idade
Inglaterra	48	Ouvinte	Masculino	40	30 anos de idade
Alemanha	33	Ouvinte	Feminino	30	12 anos de idade
França	32	Ouvinte	Feminino	32	17 anos de idade
Espanha	31	Ouvinte	Feminino	14	21 anos de idade
Itália	30	Ouvinte	Feminino	21	22 anos de idade

Fonte: o autor

A busca pelos participantes foi feita a partir das pessoas que o pesquisador conhecia e que se disponibilizaram para participar. Por conta do tempo, contamos somente com 10

participantes. Desta forma, não conseguimos dividir os grupos de surdos e ouvintes com uma quantidade considerável de homens e mulheres para analisar a variável sexo, nem conseguimos dividir os grupos por idade. Assim sendo, não focaremos a análise nestas variáveis sociolinguísticas, mas somente apresentaremos as diferenças entre as respostas de surdos e ouvintes. Todos os participantes vivem em Alagoas há pelo menos 10 anos e estão em constante contato com a comunidade surda. Todos os surdos vivem em contato diário com o restante da comunidade surda alagoana e mantêm contato entre si e com o pesquisador. O quadro abaixo apresenta brevemente como os ouvintes estão em contato com a comunidade surda.

**Quadro 12: Contato dos participantes com a comunidade surda**

Participantes	Inglaterra	Alemanha	França	Espanha	Itália
<b>Contato com a comunidade surda</b>	Amigos, estuda junto e relação de convívio familiares.	Contato de libras/surdos: família (irmã surda), intérprete e participar da comunidade surda.	Amigos	Amigos e Trabalho	Igreja

Fonte: o autor

Notamos que há diferentes níveis de envolvimento com a comunidade surda, mas todos os participantes, por saberem Libras há pelo menos 8 anos, estiveram, para além da relação atual com os surdos, outras formas de se relacionar com a comunidade surda. Assim sendo, os sinais que escolhemos para a entrevista podem ter sido aprendidos por estes ouvintes, assim como eles aprenderam os demais itens lexicais da Libras que sabem, seja através de cursos, ou em contato direto com os surdos.

### 3.2.2 PROCEDIMENTO DE COLETA

A coleta de dados foi realizada a partir de uma entrevista em Libras realizada pelo pesquisador com cada participante individualmente pelo Google Meet. Iremos explicar minimamente a nossa pesquisa e o procedimento da entrevista. Enfim, tomando como base Oliveira (2020), iremos apresentar 10 sinais gravados em vídeo pelo pesquisador - um após o outro com o intervalo para as perguntas - a cada participantes através do compartilhamento de tela no Google Meet, e, para cada sinal, faremos as perguntas desta forma:

**Passo 1:** Perguntar se conhece o sinal compartilhado na tela:

- em caso afirmativo, perguntar o significado do sinal;
- em caso negativo, perguntar que significado poderia ser atribuído a este sinal.

**Passo 2:** A partir da resposta do participante:

- se o significado for igual ao significado previsto pelo pesquisador, não há mais o que perguntar;
- se o significado atribuído pelo participante for diferente do previsto, o pesquisador deverá explicar o significado previsto e perguntar se o participante conhece outro sinal que aquela pessoa usa para este mesmo significado.

Toda a entrevista será gravada para que os dados sejam devidamente tratados e analisados posteriormente.

### 3.3 TRATAMENTOS DOS DADOS

Uma tabela foi criada no Microsoft Excel para anotar objetivamente as respostas dos participantes. Segue a tabela a seguir:

**Tabela 1: Tabela de respostas dos participantes**

PARTICIPANTES	CONHECE O SINAL	SIGNIFICADO IGUAL OU DIFERENTE	SE DIFERENTE, QUAL SIGNIFICADO	TEM OUTRO SINAL COM MESMO SIGNIFICADO
BRASIL				
ARGENTINA				
URUGUAI				
CHILE				
COLÔMBIA				
INGLATERRA				
ALEMANHA				
FRANÇA				
ESPANHA				
ITÁLIA				

Independente destas respostas, todo o vídeo servirá de base para a análise, pois é possível que os participantes apresentem outras informações que possam ser úteis para a discussão sobre as expressões idiomáticas.

### **3.4 ANÁLISE DOS DADOS**

A análise dos dados será dividida em duas partes. Inicialmente faremos uma breve análise quantitativa apresentando as respostas dos participantes e relacionando os resultados numericamente com o uso de EIs na Libras. Em seguida, faremos uma análise qualitativa através de uma análise linguística de cada sinal e das respostas dos participantes surdos e ouvintes sobre as expressões.

## **IV. CAPÍTULO - ANÁLISE DOS DADOS**

Neste capítulo, iremos apresentar os resultados da pesquisa e faremos uma análise quantitativa, levando em conta que são poucos os dados coletados, e qualitativa dos resultados obtidos. Apresentaremos os resultados da entrevista com os surdos, a partir do preenchimento da tabela no Excel mostrando as diferenças de respostas do grupo de surdos e de ouvintes e fazendo uma análise quantitativa. Por fim, realizaremos uma análise qualitativa a partir da descrição e análise linguística dos sinais escolhidos, e discutiremos as respostas dos participantes sobre as expressões apresentadas.

### **4.1 QUANTITATIVA**

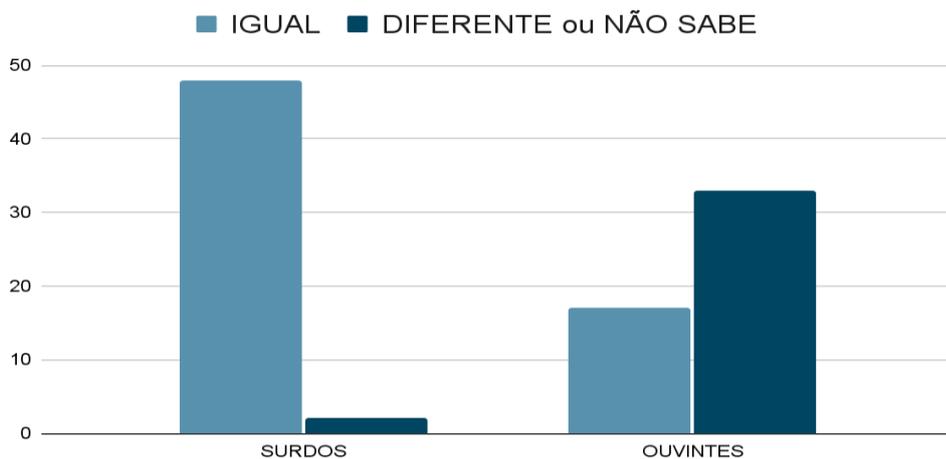
Faremos agora uma breve análise quantitativa dos resultados. A entrevista foi realizada com 10 participantes, 5 surdos e 5 ouvintes. Para cada participante nós apresentamos 10 expressões. Cada participante teria que responder se conhecia a expressão e explicar o significado da expressão. Desta forma, obtivemos 100 respostas. Dividimos as respostas em três possibilidades: i) IGUAL: quando o participante conhecia o sinal e a explicação do sinal estava de acordo com o previsto na metodologia; ii) DIFERENTE: quando o participante dizia conhecer o sinal, mas o significado não condizia com o previsto pela nossa pesquisa; e iii) NÃO SABE: quando o participante não conhecia o sinal. Obtivemos os seguintes resultados:

**Tabela 2: Respostas dos participantes para os sinais apresentados na entrevista**

<b>PARTICIPANTES</b>	<b>IGUAL</b>	<b>DIFERENTE</b>	<b>NÃO SABE</b>
<b>SURDOS</b>	<b>96% (N=48)</b>	<b>2% (N=1)</b>	<b>2% (N=1)</b>
<b>OUVINTES</b>	<b>34% (N=17)</b>	<b>26% (N=13)</b>	<b>40% (N=20)</b>

Fonte: o autor.

A diferença entre a congruência da explicação dos sinais com o significado previsto no trabalho de surdos e ouvintes é considerável. Como há poucos tokens, não fizemos uma análise estatística para indicar se esta diferença é estatisticamente relevante, muito embora o gráfico abaixo possa ilustrar como estes resultados podem nos servir de apoio para refletir sobre a diferença de respostas entre surdos e ouvintes.

**Gráfico 1: Respostas dos participantes aos sinais apresentados**

Fonte: o autor

A partir deste resultado, podemos dizer que as expressões escolhidas são fortemente atreladas ao contexto cultural da comunidade surda, uma das características principais das expressões idiomáticas, elencada no capítulo da fundamentação teórica. Ainda que 34% dos ouvintes conheçam as expressões, veremos na seção seguinte que este resultado pode estar relacionado ao fato de que a expressão 3 (INFERIOR) teve 4 explicações iguais e uma diferente,

e a expressão 9 (DIFÍCIL PESSOA) teve 3 expressões iguais e 2 diferentes, quando a média de sinais iguais entre os ouvintes foi de 1,7 por expressão.

Nós observamos as respostas por participante para entender se o nível de envolvimento com a comunidade surda afetou a compreensão das respostas. Como não é possível mensurar com precisão a diferença de nível de envolvimento entre os participantes, já que todos responderam ter algum tipo de envolvimento, nós levamos em conta que diferentes espaços de convívio poderiam indicar um maior envolvimento. Desta forma, numa escala de envolvimento entre os participantes, os participantes Alemanha e Inglaterra teriam maior envolvimento, enquanto que o participante Espanha teria envolvimento médio e os participantes França e Itália, baixo envolvimento.

A média de resposta IGUAL por participante é 3,4. Os resultados apontam que os participantes com aparentemente maior envolvimento tiveram uma média de resposta igual a 1,5. O participante de nível médio de envolvimento teve 4 respostas IGUAL e os participantes de nível baixo de envolvimento tiveram uma média de 5 respostas IGUAL. Este resultado é o oposto do esperado, pois um maior envolvimento com os surdos possibilitaria um conhecimento maior destas expressões. Isto aponta para o problema metodológico de como mensuramos o nível de envolvimento com os surdos, pois cada participante tem pelo menos 8 anos de envolvimento com os surdos, mas não conseguimos mensurar como foram estas relações antes do presente momento.

O contato com a comunidade surda atual não é o suficiente para indicar se o envolvimento do participante com a comunidade surda foi alto ou baixo durante estes anos. Da mesma forma, os diferentes espaços de convívio não garantem um contato efetivo com a comunidade surda. Muitas destas expressões surgem em contextos em que os surdos estão em contato entre si e os ouvintes podem ou não estar presentes nestes ambientes.

Ainda assim, estes resultados mostrando as diferenças de conhecimento das expressões por surdos e ouvintes nos servirão de base para a análise linguística. Além disso, iremos relacionar estes resultados com os comentários e explicações dos surdos e dos ouvintes, o que nos possibilitará entender como as expressões idiomáticas são percebidas por uma comunidade que não está completamente imersa no contexto cultural da comunidade surda. Na seção seguinte analisaremos cada expressão do ponto de vista linguístico.

## 4.2 ANÁLISE LINGUÍSTICA

Nesta seção, analisaremos as 10 expressões escolhidas na metodologia do trabalho, observando as questões morfológicas envolvidas nos sinais. Iniciaremos a análise com as expressões de um sinal. Como houve uma diferença expressiva entre as respostas dos surdos e dos ouvintes, podemos entender que as expressões escolhidas são de fato expressões idiomáticas na Libras sinalizada em Alagoas. A análise linguística irá evidenciar ainda mais isto. A primeira expressão a ser analisada é glosada como MENTE-MADURA, conforme imagem abaixo.

**Quadro 13: Glosa: MENTE-MADURA**

Nº	Expressão em Libras	GLOSA	Significado
1		<p>MENTE-MADURA/ MODA</p>	<p>Quando eu peço pra alguém se comportar educadamente.</p>

Fonte: o autor

Este sinal aparentemente é derivado do sinal que comumente é interpretado no português como MODA, ou seja, um adjetivo para alguém que se veste conforme a moda contemporânea, ou o sinal dado para os usos mais contemporâneos e que são uma tendência. Veja como este sinal é realizado:

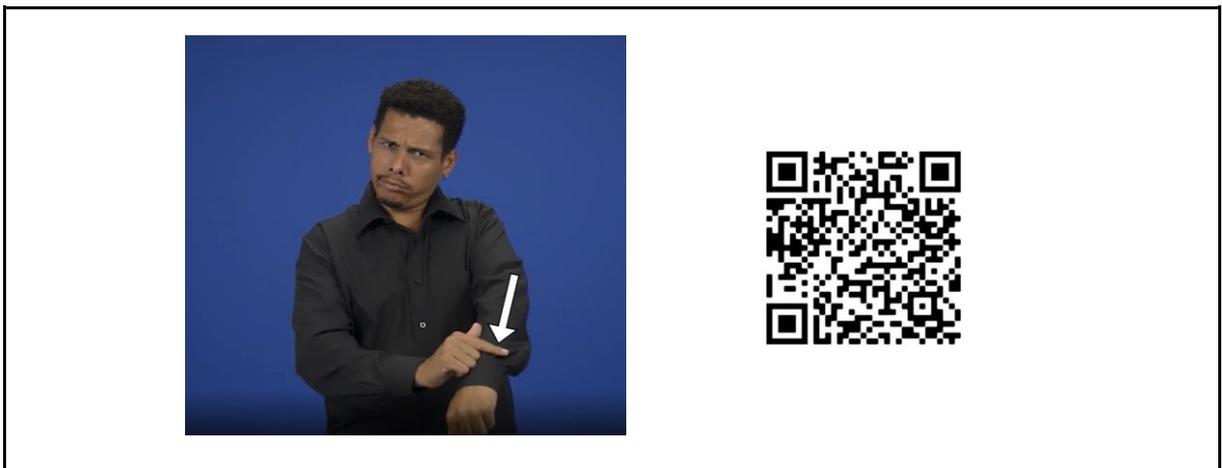
**Figure 9: Sinal MENTE-MADURA/MODA em Libras**



Fonte: o autor

Já o sinal utilizado comumente para se referir a etiqueta ou um comportamento socialmente aceitável é sinalizado de uma maneira completamente diferente, conforme imagem abaixo.

**Figure 10: Sinal BOM-COMPORTAMENTO em Libras**



Fonte: Signbank - UFSC, 2020<sup>4</sup>

A partir das imagens, podemos concluir que, mesmo havendo um sinal amplamente conhecido para ETIQUETA, em contextos informais, os surdos utilizam esta derivação do sinal MODA. Podemos dizer que se trata de uma **derivação**, pois há uma mudança no significado além

<sup>4</sup> Disponível em: <<https://signbank.libras.ufsc.br/#/busca-por-palavra/sinal/1051>>. Acesso em: 05 de agosto de 2022.

da mudança no sinal, pois os **traços semânticos** ligados ao mundo da moda, tanto informações sobre vestimenta, quanto informações sobre a contemporaneidade dos usos sociais. O traço que se assemelha nos dois sinais é o que está relacionado ao que é aceito socialmente, ou o que é padrão, características que também encontramos na semântica do sinal MODA.

Além disso, há uma mudança fonológica em dois níveis. O movimento do sinal se torna mais rápido na EI, e há uma expressão facial peculiar a uma advertência que pressupõe um constrangimento. A expressão cristaliza o movimento e a expressão fácil e é comumente utilizada pela comunidade surda em contextos em que alguém está advertindo uma pessoa que não está se comportando de acordo com o esperado socialmente em uma dada situação. O sinal ETIQUETA apesar de possuir uma semântica muito semelhante, não é comum em situações de advertência. Veremos agora a segunda expressão.

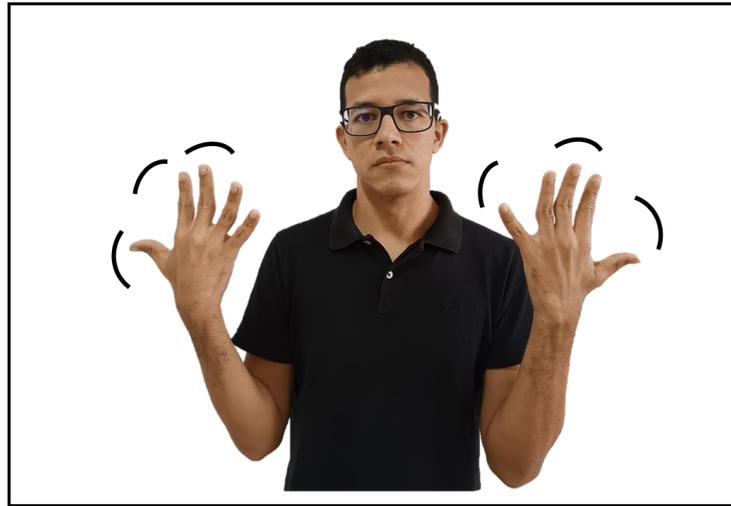
**Quadro 14: Glosa: MÃOS-MENTIR**

Nº	Expressão em Libras	GLOSA	Significado
2		<p>MÃOS-MENTIR (LIBRAS MENTIR)</p>	<p>Quando a pessoa sinaliza mentiras.</p>

Fonte: o autor

Esta expressão é utilizada quando os surdos querem dizer que alguém mente bastante em Libras, ou seja, usa as mãos para mentir. A expressão é derivada do sinal MÃOS em Libras, conforme imagem a seguir.

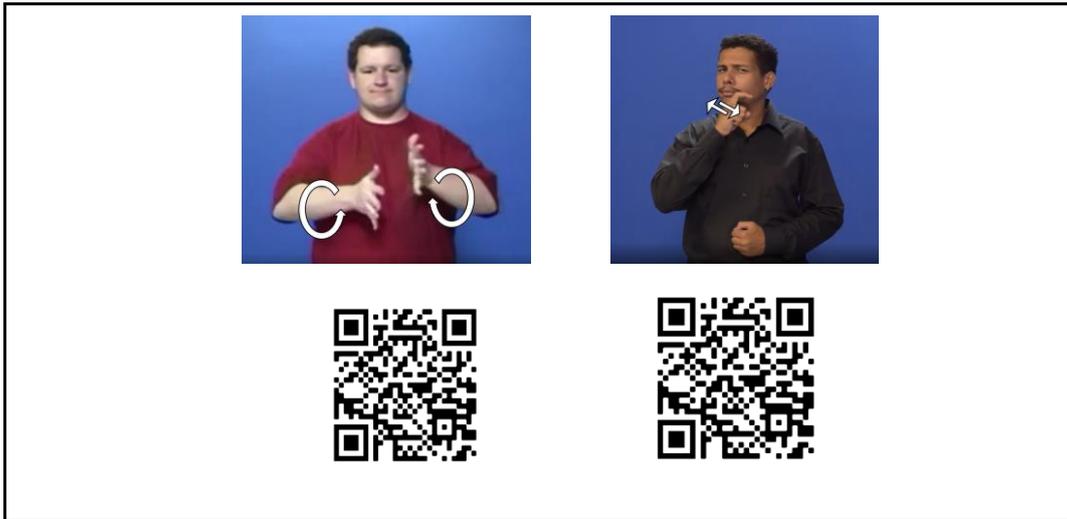
**Figure 11: Sinal MÃOS em Libras**



Fonte: o autor

Note-se que, além da expressão facial, não há mudanças fonológicas. Entretanto, o sinal MÃOS pode ser realizado com uma mão somente no singular, enquanto que a expressão idiomática é comumente sinalizada com as duas mãos. Mais uma vez, há um caso de **derivação**, pois o significado e a forma do sinal mudam. Os traços semânticos relacionados à mentira foram adicionados ao sinal derivado, enquanto que o caráter mais icônico demonstrativo das mãos se perde, pois o conceito da expressão idiomática é mais abstrato, uma vez que vai além de demonstrar as mãos. Quanto aos traços fonológicos, podemos dizer que a EI cristaliza a expressão facial, ou seja, com uma expressão neutra não é possível identificar o significado relacionado à mentira, assim como a quantidade de mãos que é cristalizada no uso de duas mãos. Há um sinal mais formal para mentira. É possível sinalizar LIBRAS MENTIRA no sentido de dizer que alguém está mentindo, conforme figura abaixo.

**Figure 12: Sinal LIBRAS + MENTIR em Libras**



Fonte: Glossário Libras - UFSC, 2016<sup>5</sup>

Fonte: Signbank - UFSC, 2020<sup>6</sup>

No entanto, em contextos mais informais é muito comum que os surdos utilizem a EI e não a expressão convencional, evidenciando assim o caráter informal da expressão idiomática. Vejamos agora o terceiro sinal.

**Quadro 15: GLOSA: INFERIOR/QUINTO**

Nº	Expressão em Libras	GLOSA	Significado
3		<p>INFERIOR/QUINTO (INFERIOR)</p>	<p>Quando a pessoa não tem valor ou fala besteira.</p>

Fonte: o autor

Esta expressão é utilizada quando os surdos querem dizer que algo ou alguém é inferior em qualidade, de baixo nível em determinado aspecto. Veja que o sinal é realizado com a mão

<sup>5</sup> Disponível em: < <https://glossario.libras.ufsc.br/sinal/666>>. Acesso em: 05 de agosto de 2022.

<sup>6</sup> Disponível em: < <https://signbank.libras.ufsc.br/#/busca-por-palavra/sinal/1849>>. Acesso em: 05 de agosto de 2022.

dominante (mão direita na imagem) tocando o dedo mínimo da mão base. Este sinal é derivado de um recurso sintático da Libras chamado "bóia enumerativa". As bóias em geral são sinais que podem ser suspensos (quando uma mão mantém uma configuração parada em um dado ponto de articulação) enquanto a outra mão realiza outro sinal, seja tocando a boia ou não (ver Heitkoetter & Xavier, 2021) realizam um trabalho sobre boias na Libras. O exemplo abaixo representa uma lista de pessoas.

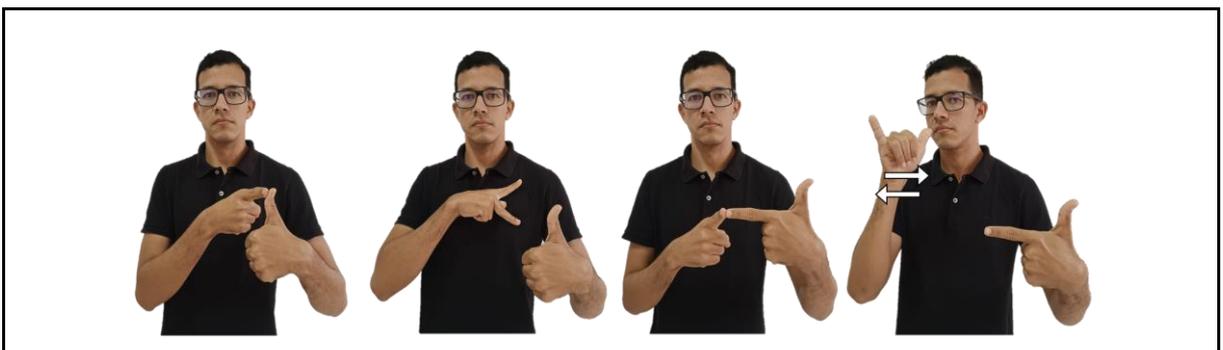
**Figure 13: Lista de pessoas: 1º EU, 2º SINAL-NOME, 3º SINAL-NOME**



Fonte: Heitkoetter & Xavier (2012, p. 96)

É comum que na Libras, quando há uma série de pontos a serem abordados num discurso, ou uma lista de nomes ou ações, o surdo deixa a mão base suspensa sinalizando um número em sequência, enquanto a segunda mão sinaliza algo sobre o número. A boia está relacionada também à ordem ou classificação. Um exemplo disso é quando é preciso dizer a classificação em um campeonato; uma sinalização possível seria:

**Figure 14: 1º PALMEIRAS, 2º FLUMINENSE**



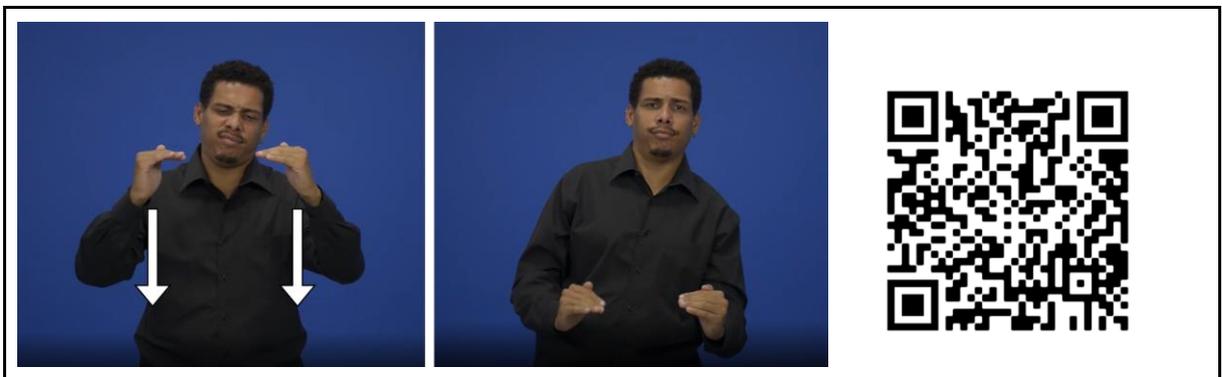
Fonte: o autor

Neste caso, há a suspensão do sinal 1 com a mão base. Então, aponta-se com o dedo indicador com a mão dominante para o polegar da mão base e, em seguida, a realização do sinal PALMEIRAS somente com a mão dominante, enquanto a mão base mantém a enumeração. Em seguida, a adição do dedo indicador formando o sinal 2 na mão base. Desta vez aponta com o dedo indicador com a mão dominante para o indicador da mão base.

Este segundo exemplo é importante para entendermos melhor a derivação da EI3, pois a expressão pode ser traduzida literalmente como 5º, que iconicamente é o último da lista enumerativa que utiliza a mão como referência. Numa ordem de qualidade, o 1º é o melhor e o 5º, portanto, é o pior, ou de pior nível de qualidade. Há uma **derivação** neste sinal da boia enumerativa, pois mais uma vez os traços fonológicos foram cristalizados, tanto a representação do 5º como sendo o último pois, ainda que, no contexto, não haja uma ordem de entidades, o sinal sempre será com a mão dominante tocando no quinto dedo da enumeração, e uma cristalização da expressão facial que enfatiza o teor do julgamento negativo expresso pelo sinal.

A mudança semântica acontece exatamente por esta abstração do 5º lugar como sendo o mais baixo nível, e pelo fato de a expressão não se restringir a contextos de ordenação de entidades. Um sinal que pode ser utilizado num contexto mais formal é o sinal INFERIOR, conforme a figura abaixo.

**Figure 15: Sinal INFERIOR em Libras**



Fonte: Signbank - UFSC, 2020<sup>7</sup>

<sup>7</sup> Disponível em: < <https://signbank.libras.ufsc.br/#/busca-por-palavra/sinal/1534>>. Acesso em: 05 de agosto de 2022.

Este sinal pode ser utilizado substituindo a EI3, pois não há na EI uma restrição semântica quanto a ser o último ou pior de uma lista, já que o sentido enumerativo se perde. Assim sendo, o sentido mais aplicado à EI é de inferioridade em relação a algo ou alguém que é melhor ou superior em dado aspecto. Vejamos agora a EI4.

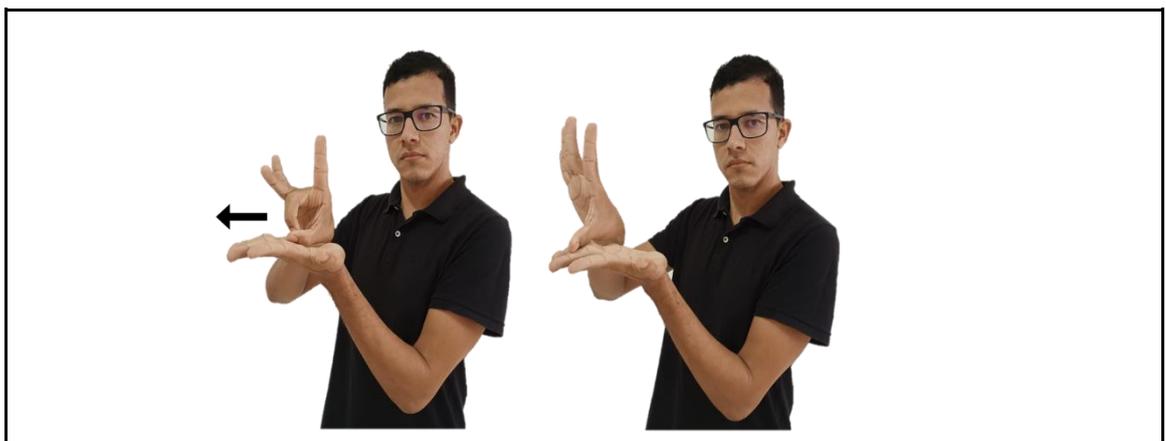
**Quadro 16: GLOSA: CABEÇA-SOLTAR/NÃO LEMBRAR**

Nº	Expressão em Libras	GLOSA	Significado
4		<p><b>CABEÇA-SOLTAR/ NÃO LEMBRAR</b></p> <p><b>(QUERER-NÃO SABER)</b></p>	<p><b>Não quer mais saber do assunto.</b></p>

Fonte: o autor

Os surdos utilizam esta expressão quando estão sem paciência para um determinado assunto, ou quando não querem mais conversar ou saber de algo. Aqui vemos uma **derivação** do sinal EXPULSAR, conforme a imagem a seguir.

**Figure 16: Sinal EXPULSAR em Libras**



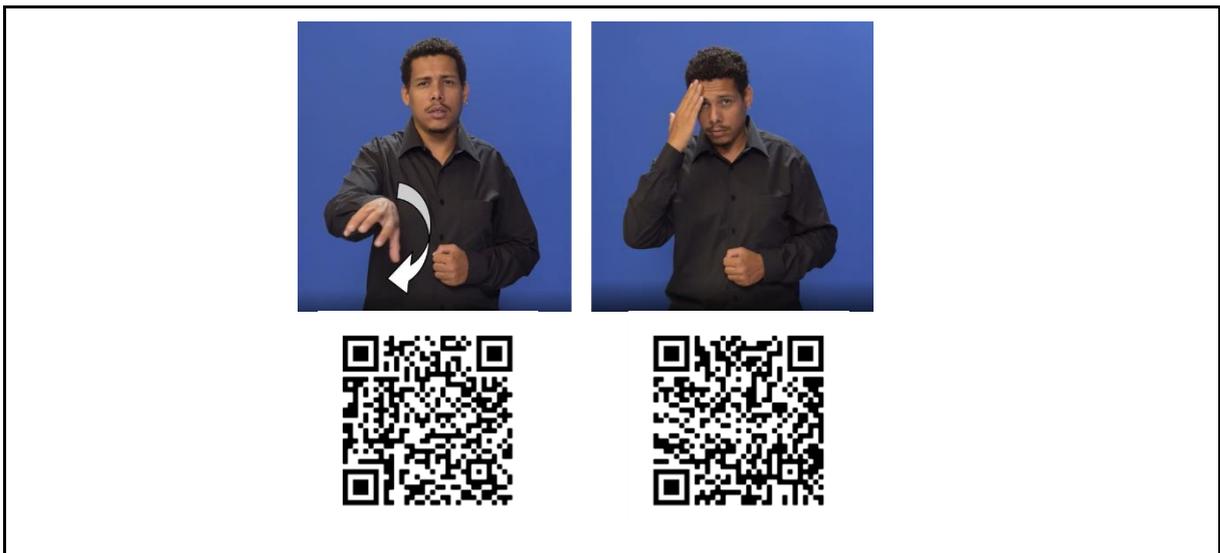
Fonte: o autor

O sinal EXPULSAR está relacionado a qualquer expulsão e utiliza a mão não dominante como base para o sinal. Há uma iconicidade forte no sinal, uma vez que este movimento é muito comum na vida cotidiana, quando “chutamos” com os dedos objetos pequenos como uma mosca, ou um grão de arroz. No sinal, o movimento ganha uma conotação abstrata, pois podemos sinalizar EU EXPULSAR JOÃO GRUPO WHATSAPP utilizando este sinal.

Na expressão, o sinal é derivado uma vez que há uma alteração no ponto de articulação, que não é mais na mão base, mas na têmpora. Este ponto de articulação é comumente relacionado a sinais ligados à cognição como LEMBRAR, SABER, ENTENDER e PENSAR. Esta mudança nos traços fonológicos aponta para uma mudança também nos traços semânticos, pois a EI4 está restrita a algo que a pessoa não quer mais pensar. Neste caso, há um sentido de que a pessoa está expulsando da sua mente o pensamento sobre aquela pessoa ou evento.

Não há um único sinal mais formal que indique o mesmo sentido da EI4, mas uma maneira de sinalizar formalmente o sinal seria a combinação entre os sinais NÃO-QUERER SABER, conforme os sinais abaixo.

**Figure 17: Sinais NÃO-QUERER SABER em Libras**



Fonte: Signbank - UFSC, 2020<sup>8</sup>

Fonte: Signbank - UFSC, 2020<sup>9</sup>

<sup>8</sup> Disponível em: < <https://signbank.libras.ufsc.br/#/busca-por-palavra/sinal/2404> />. Acesso em: 05 de agosto de 2022.

<sup>9</sup> Disponível em: < <https://signbank.libras.ufsc.br/#/busca-por-palavra/sinal/2516>>. Acesso em: 05 de agosto de 2022.

Entretanto, estes sinais não indicam totalmente a intenção que a EI4 carrega. Principalmente em contextos informais entre surdos, a EI4 é mais comum de ser sinalizada em contextos em que o surdo não quer mais conversar sobre algo ou alguém. Vejamos agora a EI5.

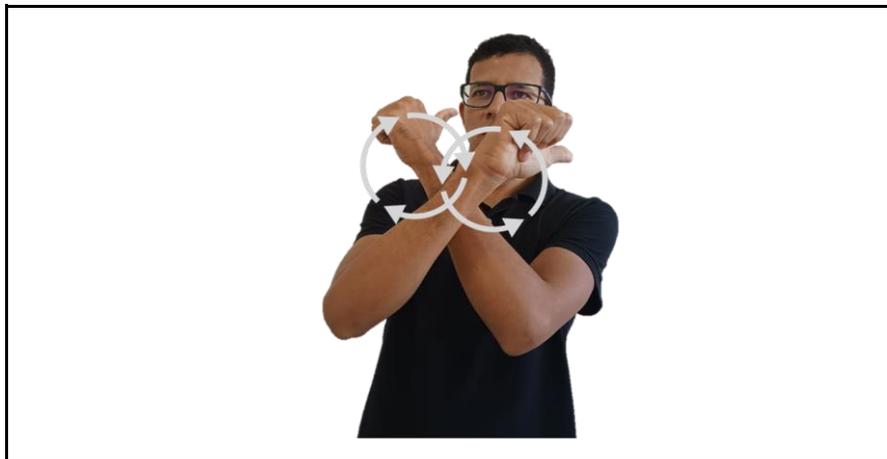
**Quadro 17: GLOSA: ENGANAR-ME**

Nº	Expressão em Libras	GLOSA	Significado
5		<p>ENGANAR-ME (AUSENTE)</p>	<p>Quando alguém combina de encontrar, mas não vai.</p>

Fonte: o autor

Este sinal é comumente sinalizado em contextos em que alguém combina um encontro com outra pessoa, mas a outra não aparece. Neste sentido, esta expressão se parece com a expressão idiomática “dar bolo em alguém”, do português. Na Libras, este sinal aparentemente é derivado do sinal ENGANAR, conforme imagem a seguir:

**Figure 18: Sinal ENGANAR em Libras**



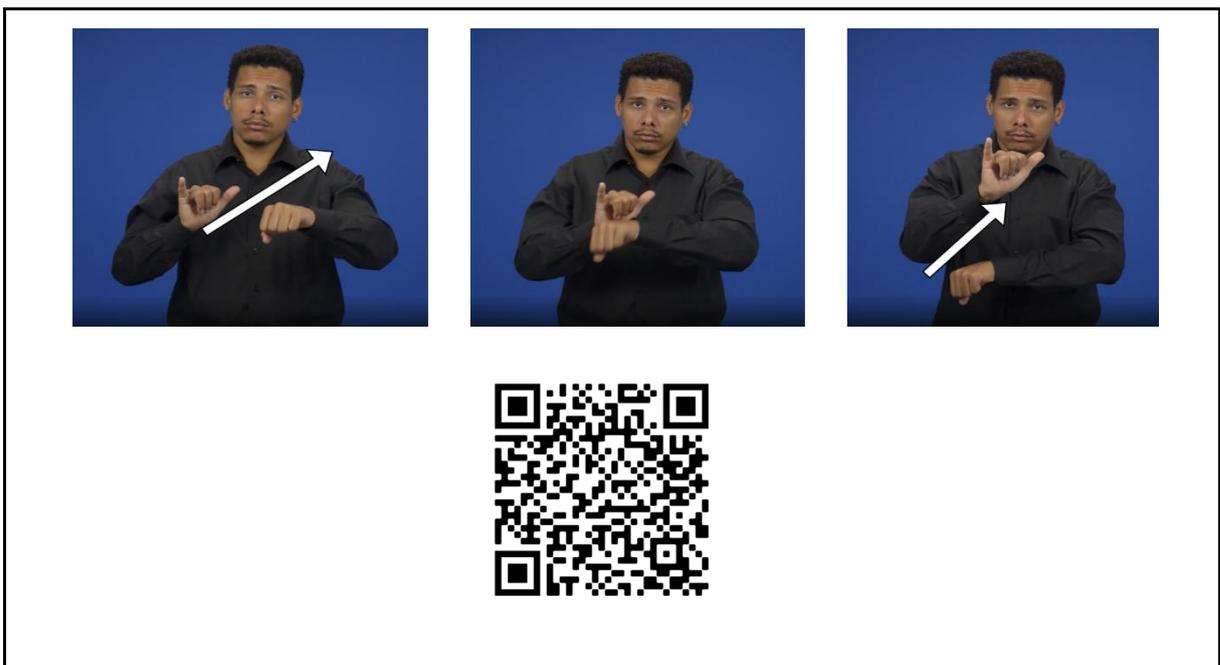
Fonte: o autor

Como dito, o processo morfológico que gerou o sinal é também uma **derivação**. Há uma mudança significativa nos traços fonológicos, a começar pela quantidade de mãos. O sinal base é

realizado sempre com as duas mãos. Há também um movimento circular e uma repetição no sinal que não é vista na EI5. Na expressão idiomática, o sinal é realizado com um movimento direto de fora para dentro sem repetição. Há uma adição de traços semânticos na EI5 restringindo a expressão a contextos em que a pessoa foi enganada em relação a marcar encontros. Se por acaso alguém pediu dinheiro e, enganando o surdo, não pagou o que devia, a EI5 não é aplicável.

Um sinal mais formal em relação a faltar um encontro é o sinal AUSENTE, conforme a figura abaixo:

**Figure 19: Sinal AUSENTE em Libras**



Fonte: Signbank - UFSC, 2020<sup>10</sup>

O sinal base ENGANAR não é comumente sinalizado em contextos de faltar a um encontro. Neste sentido, o sinal AUSENTE tem uma semântica mais parecida com a EI5 e seria utilizada em contextos formais, no entanto, em rodas de conversas entre surdos a EI5 é mais comum que ambos os sinais neste contexto. Veremos agora as expressões com dois sinais, a começar pela EI6, conforme o quadro abaixo.

<sup>10</sup> Disponível em: < <https://signbank.libras.ufsc.br/#/busca-por-palavra/sinal/265>>. Acesso em: 05 de agosto de 2022.

**Quadro 18: GLOSA: CONHECER-RÁPIDO**

Nº	Expressão em Libras	GLOSA	Significado
6		<p>CONHECER-RÁPIDO (LEMBRAR)</p>	<p>Quando eu quero lembrar alguém de algo que eu já disse antes</p>

Fonte: o autor

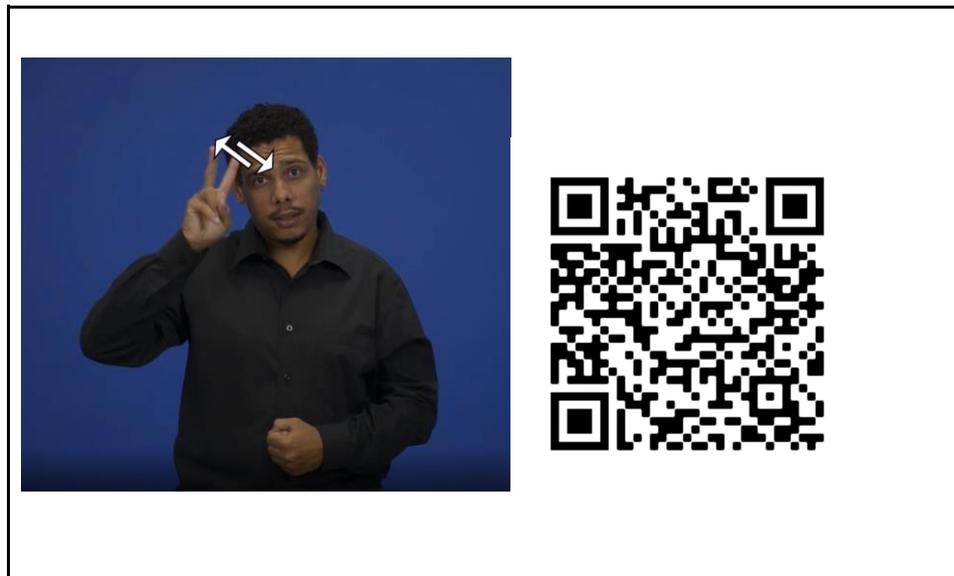
Este sinal é comumente utilizado quando um surdo deseja lembrar alguém de algo que ele já havia dito ou combinado sem precisar repetir o que havia dito. Este sinal é uma **composição** dos sinais CONHECER e RÁPIDO. O sinal CONHECER em contextos gerais pode ser sinalizado com suspensão ou com repetição, que se configura pelo contato e não contato com o queixo repetidamente, entretanto, nesta composição ele é sinalizado rapidamente, sem retenção e sem repetição, obedecendo aos critérios de composição de sinal compostos proposta por Johnston & Schembri (2012) no quadro 6 desta dissertação.

É importante destacar que outra característica das Expressões Idiomáticas pode ser percebida nesta composição, a saber, a de que a decomposição das partes não resulta no mesmo sentido da expressão. O sinal CONHECER é sinalizado quando um surdo sabe de alguma informação ou conhece alguém. O sinal RÁPIDO é sinalizado em contextos em que uma ação acontece de maneira muito rápida. Uma combinação literal possível destes sinais resultaria no sentido de que alguém conheceu uma pessoa muito rapidamente, o que não é o caso na EI6.

Na EI6 os dois sinais estão relacionados ao sentido da expressão, mas não diretamente. O sinal CONHECER está mais relacionado ao fato de que a outra pessoa deve saber da informação que foi dita anteriormente, e o sinal RÁPIDO está ligado ao fato de que não é preciso se delongar novamente sobre aquele assunto, pois somente a expressão já faz com que a pessoa lembre rapidamente do que foi dito. É importante salientar que quando nas EIs se usam sinais compostos

o sentido por eles carreados não são decomponíveis; não se trata, portanto, da soma de um sinal mais outro sinal, fato análogo ao que ocorre com composição de sinais nas línguas em outros contextos morfossintáticos que não os da EIs. De uma maneira mais formal o sinal utilizado poderia ser LEMBRAR, conforme a figura abaixo.

**Figure 20: Sinal LEMBRAR em Libras**



Fonte: Signbank - UFSC, 2020<sup>11</sup>

O sinal acima juntamente com a expressão facial utilizada na EI6 pode dar o mesmo sentido da expressão num contexto formal. Entretanto, num contexto mais informal entre surdos, a expressão idiomática será mais utilizada. Vejamos agora a EI7.

---

<sup>11</sup> Disponível em: <<https://signbank.libras.ufsc.br/#/busca-por-palavra/sinal/1661>>. Acesso em: 05 de agosto de 2022.

Quadro 19: GLOSA: MENTE-DIFERENTE

Nº	Expressão em Libras	GLOSA	Significado
7		<p style="text-align: center;"><b>MENTE-DIFERENTE</b> <b>(REVOLTA)</b></p>	<p style="text-align: center;"><b>Quando alguém fica revoltado.</b></p>

Fonte: o autor

A expressão acima é utilizada quando um surdo quer dizer que alguém está revoltado com algo ou alguém. Trata-se mais uma vez de uma **composição**. O sinal MENTE é sinalizado sem repetição e sem retenção. Há também uma mudança rápida do primeiro para o segundo sinal DIFERENTE. Aqui também vemos que a combinação semântica entre os dois sinais não resulta na semântica da EI7, pois a expressão não significa simplesmente que alguém tem uma mente diferente de outras pessoas, mas que houve numa dada situação uma mudança de humor de alguém.

Veja que aqui o sinal MENTE não está diretamente associado com o sentido do humor, nem o sinal DIFERENTE é esta diretamente relacionado a uma mudança repentina, mas ainda assim podemos recuperar algum sentido de cada sinal, pois, de certa forma, a cabeça está relacionada ao sentimento de raiva, assim como a expressão no português em que a expressão “cabeça quente” é relacionada ao humor de alguém. As expressões em Libras e em português são diferentes, mas apresentam uma relação semântica parecida.

O sinal formal para esta expressão seria o sinal REVOLTA conforme a imagem a seguir:

Figure 21: Sinal REVOLTA em Libras



Fonte: Signbank - UFSC, 2020<sup>12</sup>

Este sinal aparece em contextos mais formais e em conversas com ouvintes e apresenta uma semântica semelhante à semântica da EI7 de alguém que ficou com muita raiva de uma situação ou de alguém, no entanto, em conversas mais informais entre surdos, a EI7 é mais comum. Vejamos agora a EI8.

Quadro 20: GLOSA: VOCÊ-DESISTIR

Nº	Expressão em Libras	GLOSA	Significado
8		<p>VOCÊ-DESISTIR (CORAGEM)</p>	<p>Quando a pessoa tem coragem pra fazer tudo, ou sem vergonha.</p>

Fonte: o autor

Esta expressão é utilizada pelos surdos quando eles vêem alguém que tem coragem para fazer algo constrangedor. Há uma **composição** aqui entre os sinais VOCÊ e DESISTIR. Vale

<sup>12</sup> Disponível em: <<https://signbank.libras.ufsc.br/#/busca-por-palavra/sinal/2474>>. Acesso em: 05 de agosto de 2022.

salientar que o sinal VOCÊ pode ser entendido como uma apontação pronominal que pode ser de segunda pessoa ou de terceira pessoa, sendo diferenciada somente pela direção do olhar, pois quando o olhar está voltado para o mesmo referente que a apontação, o pronome é de segunda pessoa, mas quando o olhar está direcionado para um lugar diferente do referente apontado pelo sinal, o pronome é interpretado como sendo de terceira pessoa.

Mais uma vez o primeiro sinal tem sua fonologia restrita, pois não pode ser suspenso, ou seja, a transição entre os sinais é rápida, caracterizando a composição. Além disso, aqui de maneira mais clara, a combinação entre os sinais não resulta diretamente no sentido da EI8. A combinação literal dos sinais pode ser interpretada como “desisto de você”, que pode ser aplicado a diversos contextos. No entanto, a expressão é utilizada somente para casos em que alguém tem muita coragem para fazer ou dizer algo constrangedor. É como se a outra pessoa fosse tão “sem vergonha” que não há nada que se possa fazer, ou seja, a pessoa desiste de fazer algo contra isso. Um sinal formal para esta expressão seria o sinal CORAGEM, conforme figura a seguir.

**Figure 22: Sinal CORAGEM em Libras**



Fonte: Signbank - UFSC, 2020<sup>13</sup>

Este sinal juntamente com a expressão facial da EI8 pode ter o sentido de que alguém é muito corajoso para fazer algo, no entanto, a EI8 está mais restrita a algo mais constrangedor, e não a qualquer ação que exija coragem. Ainda assim, é possível que em contextos mais formais a EI8 seja evitada e substituída pelo sinal acima, mas em contextos informais a expressão será preferida. Veremos agora a EI9.

<sup>13</sup> Disponível em: < <https://signbank.libras.ufsc.br/#/busca-por-palavra/sinal/769>>. Acesso em: 05 de agosto de 2022.

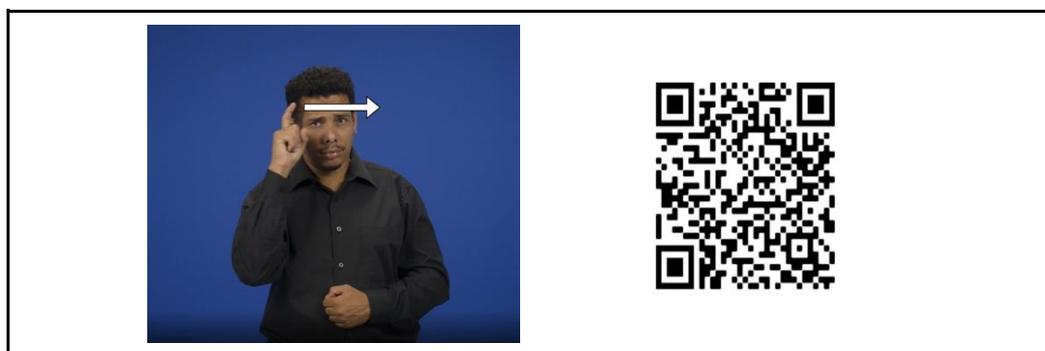
**Quadro 21: GLOSA: DIFÍCIL-PESSOA**

Nº	Expressão em Libras	GLOSA	Significado
9		<p>DIFÍCIL-PESSOA (CHATO)</p>	<p>Quando a pessoa é muito chato ou sem noção.</p>

Fonte: o autor

Este sinal é mais uma **composição** de dois sinais, mas aqui há uma relação semântica entre os sinais e a EI9. Dizer que alguém é uma pessoa difícil é o sentido da expressão, no entanto, ainda assim vemos que não se trata simplesmente da junção dos dois sinais. Primeiramente há uma mudança fonológica na combinação, pois o sinal DIFÍCIL na sua forma de citação é sinalizado desta maneira:

**Figure 23: Sinal DIFÍCIL em Libras**

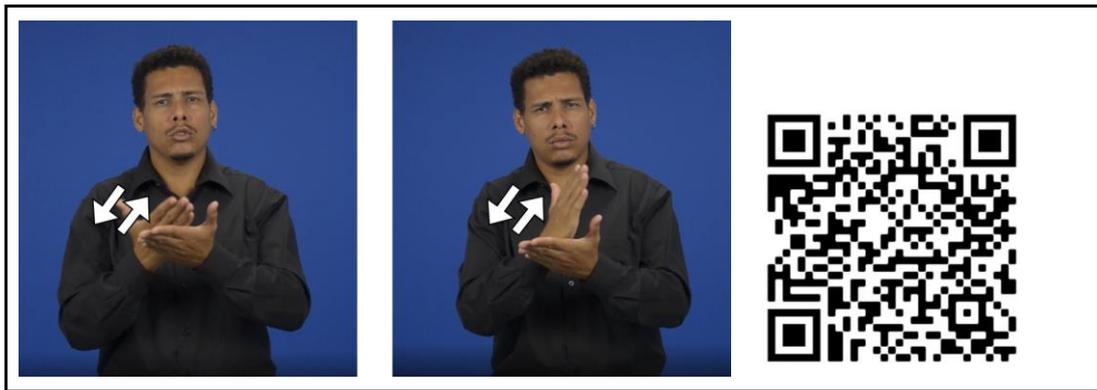


Fonte: Signbank - UFSC, 2020<sup>14</sup>

<sup>14</sup> Disponível em: <<https://signbank.libras.ufsc.br/#/busca-por-palavra/sinal/910>>. Acesso em: 05 de agosto de 2022.

Há, portanto, uma supressão de movimento no sinal, pois o movimento interno do dedo é perdido. Além disso, na EI9 o primeiro sinal é feito rapidamente sem possibilidade de ser repetido, conforme os critérios de composição em língua de sinais. Em relação à semântica, há uma restrição do significado de difícil ao fato da pessoa ser inconveniente, ou que não tem muita noção das suas atitudes. Neste sentido, um sinal mais formal com o mesmo sentido seria o sinal CHATO/INCOMODAR, conforme a imagem abaixo.

**Figure 24: Sinal CHATO/INCOMODAR em Libras**



Fonte: Signbank - UFSC, 2020<sup>15</sup>

Este sinal pode substituir a EI9 em contextos formais sem perda no sentido, mas a expressão idiomática é mais comum em rodas de conversa entre surdos. Vejamos por fim a última expressão idiomática a ser analisada.

---

<sup>15</sup> Disponível em: < <https://signbank.libras.ufsc.br/#/busca-por-palavra/sinal/598>>. Acesso em: 05 de agosto de 2022.

Quadro 22: GLOSA: OLHOS-NÃO-TER

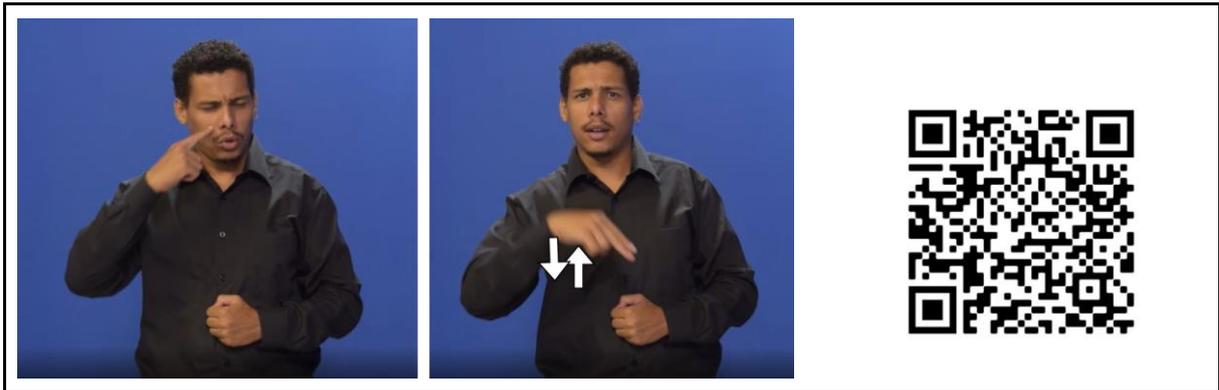
Nº	Expressão em Libras	GLOSA	Significado
10		<p>OLHOS-NÃO-TER (NUNCA-VER)</p>	<p>Quando eu nunca vi algo igual no mundo.</p>

Fonte: o autor

Esta última expressão também é uma **composição** na Libras e significa que o surdo nunca viu nada igual àquilo que estão lhe dizendo. Aqui vemos o sinal OLHOS sendo sinalizado com a apontação para cada olho. O sentido de OLHOS aqui já está mais ligado ao ver de perto ou pessoalmente, pois enfatiza cada olho. Já o sinal NÃO-TER é sinalizado várias vezes de um lado a outro, apontando que não há nada como aquilo em nenhum lugar.

É importante salientar que esta expressão, diferente das demais, é uma composição mais complexa, pois o segundo sinal apresenta uma flexão de repetição indicando uma intensidade. Ainda assim, podemos chamar de composição, pois o primeiro sinal apresenta restrições de realização devendo ser sinalizado rápido e sem repetição. A flexão no segundo sinal é cristalizada, pois não há como sinalizar a expressão sem repetir o sinal, assim como a expressão facial. Um sinal mais formal é o sinal NUNCA-VI, conforme a figura abaixo.

**Figure 25: Sinal NUNCA-VER em Libras**



Fonte: Signbank - UFSC, 2020<sup>16</sup>

O sinal é mais formal, mas apresenta um sentido aproximado. É possível dizer que a expressão apresenta uma intensidade maior que o sinal acima, pois já contém uma marca de intensidade cristalizada, entretanto, também é possível flexionar o sinal NUNCA-VER aumentando a extensão do sinal. De qualquer forma, a EI10 não é comum em contextos mais formais, enquanto que este sinal seria normalmente sinalizado numa palestra ou em conversas com ouvintes. Traremos agora alguns comentários dos participantes sobre as expressões que irão contribuir ainda mais para esta análise.

Primeiramente é importante destacar que a maioria das expressões apresentadas aos surdos foram explicadas com os sinais ditos mais formais nesta análise, o que corrobora para a afirmação de que cada expressão apresenta sinônimos ou outros sinais com sentido aproximados. Além disso, a expressão facial foi enfatizada em vários momentos como sendo importante para a realização do sinal, assim como também apontamos nesta análise. Conforme apresentado na análise quantitativa, quase todas as expressões eram conhecidas de todos os surdos.

Um comentário que nos chamou bastante atenção sobre o caráter informal das expressões veio de um participante surdo. Antes de explicar o conceito do sinal MÃOS MENTIR, o participante explica que na Libras há alguns sinais que são mais informais. Ele cita como exemplo o sinal 007, já apresentado neste trabalho. Então ele diz que a EIx tem a mesma característica de informalidade, e é utilizada quando uma pessoa desconfia que a outra está mentindo.

<sup>16</sup> Disponível em: <<https://signbank.libras.ufsc.br/#/busca-por-palavra/sinal/2020>>. Acesso em: 05 de agosto de 2022.

Quanto aos ouvintes, nós percebemos alguns padrões de resposta. Iremos apresentar os diferentes tipos de resposta de uma maneira gradual, sendo i) **conheciam bem a expressão**, ii) **precisaram de tempo para lembrar da expressão**, iii) **recorreram ao significado dos sinais e se aproximaram do significado da expressão**, iv) **recorreram ao significado dos sinais e se afastaram do significado da expressão**, v) **confundiram a expressão com outro sinal**, e vi) **afirmaram desconhecer a expressão**. Veremos brevemente exemplos de cada um destes padrões de resposta.

Em poucos casos os ouvintes reagiram como os surdos, quando viam as expressões. Os surdos, ao verem as expressões no vídeo na tela compartilhada, já demonstravam conhecer a EI com a expressão facial. Em seguida, a explicação e os exemplos ratificavam que realmente a expressão idiomática era familiar. Em poucos casos isto aconteceu com os surdos. A expressão INFERIOR, por exemplo, foi um caso em que quase todos os ouvintes, ao verem a expressão, já demonstraram conhecê-la, mas como dito, esta reação não foi comum neste grupo de participantes.

A maioria das respostas em que a explicação foi igual ao significado previsto não foi do padrão de resposta i, mas do padrão de resposta ii. Após um tempo repetindo a expressão, eles lembravam da expressão, quando já a conheciam. Isto demonstra que aquela expressão, ainda que eles conheçam, não faz parte do cotidiano deste grupo, corroborando ainda mais com as reflexões feitas até aqui sobre as diferenças de percepção dos dois grupos analisados.

Na grande parte das vezes em que os ouvintes conheciam a EI, eles não demonstravam conhecer o sinal de imediato, mas pediam para repetir a expressão, ou eles mesmos repetiam a expressão até lembrar se conheciam. Algumas expressões como VOCÊ-DESISTIR e DIFÍCIL-PESSOA, foram respondidas levando em conta os sinais separadamente e ainda assim se assemelhavam ao significado da expressão.

No entanto, esta estratégia nem sempre dava certo, pois expressões como MENTE-DIFERENTE e CONHECER-RÁPIDO apresentam um sentido mais distante do significado dos sinais vistos separadamente, gerando o padrão de resposta iv. Portanto, alguns ouvintes imaginavam conhecer a expressão, uma vez que não se atentaram para a composição do sinal. Explicações como “pessoas que pensam diferente” para MENTE-DIFERENTE e “conheci alguém rapidamente” apareceram para estas expressões. Isto aconteceu também com expressões de um sinal como MODA e MÃOS-MENTIR.

A expressão ENGANAR foi confundida com o sinal DOAR que, exceto pela expressão facial que em DOAR é mais abrangente, todos os parâmetros são idênticos. No entanto, nenhum surdo confundiu este sinal, pois a expressão facial restringiu o significado do sinal à expressão idiomática. Por fim, alguns ouvintes disseram não conhecer expressões como MENTE-DIFERENTE, OLHOS-NÃO-TER e CABEÇA-SOLTAR. Entendemos que isto ocorreu porque a primeira expressão destacada apresenta uma combinação não muito comum. A segunda expressão apresenta flexão no verbo e a terceira expressão não possui um sinal muito parecido que possa ter servido de apoio semântico. Nos chamou atenção uma pergunta de um ouvinte, que queria saber se aqueles eram sinais novos, já que o ouvinte não conhecia boa parte deles, mesmo estando há anos em contato constante com a comunidade surda.

Tanto a análise quantitativa, quanto a análise linguística e, por fim, esta breve explanação das respostas dos grupos nos trazem evidências de que as Expressões Idiomáticas na Libras apresentam características semelhantes às que vemos em línguas orais. Percebemos que a decomposição da expressão para capturar o seu sentido a partir dos significados dos sinais separados não é uma boa estratégia, pois a composição atribui novos significados. Vimos também que as expressões estão fortemente ligadas a contextos de comunicação da própria comunidade, tendo uma forte ligação cultural com os surdos. Desta forma, os ouvintes, mesmo com anos de convivência com a comunidade surda, não estavam familiarizados com as expressões.

Em terceiro lugar, podemos dizer que as expressões idiomáticas na Libras não são uma réplica das expressões idiomáticas do português, pois, sendo fruto das relações culturais dos surdos, têm sua origem num lugar diferente das relações culturais dos ouvintes, apesar de haver obviamente semelhanças culturais entre surdos e ouvintes alagoanos. Entretanto, vemos que haveria uma dificuldade para traduzir estas expressões para o português de forma que o sentido seja bem capturado. A expressão ENGANAR, por exemplo, poderia ser traduzida com a expressão “me deu um bolo” do português, por exemplo, apesar de não haver uma relação semântica com a origem das expressões. No entanto, seria mais difícil encontrar uma tradução para a expressão CONHECER-RÁPIDO, por exemplo.

Quanto ao alto grau de informalidade, podemos dizer que esta é uma característica presente nas expressões, mas é importante salientar que não podemos atribuir a noção de formalidade usada para línguas orais para as línguas de sinais. Ainda há poucos estudos sobre formalidade na Libras, portanto, não temos marcas consensualmente identificadas na linguística como sendo marcas de formalidade e informalidade. Além disso, as relações sociais ligadas à classe social e aos diversos

ambientes sociais entre os ouvintes e o uso do português são desenvolvidas e vem sendo estudadas há muitos anos. No entanto, levamos em conta que há uma visão da própria comunidade surda para estas expressões de que elas não se aplicam a contextos que envolvam ouvintes e/ou solenidades, palestras e outros ambientes considerados formais, mas a contextos mais cotidianos.

Por fim, percebemos que todas as expressões aqui listadas parecem ter surgido num contexto a partir de sinais mais abrangentes, mas foi se formando a partir da cristalização de formas, expressões faciais e de composições com o tempo. Este processo de lexicalização é comum em todas as línguas naturais. No núcleo do léxico, novos itens surgem a partir das interações sociais e culturais entre as pessoas, e o uso de expressões idiomáticas na Libras é uma prova disto.

## **V. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Após concluir a pesquisa, podemos dizer que descrevemos e analisamos expressões idiomáticas da Libras sinalizada em Alagoas. Para tanto, apontamos as características das expressões idiomáticas, fizemos uma descrição linguística destacando aspectos fonológicos, morfológicos e semânticos das expressões e identificamos que enquanto os surdos demonstraram conhecer bem as expressões idiomáticas da Libras, os ouvintes apresentaram dificuldades. Desta forma, conseguimos alcançar os objetivos específicos e o objetivo geral deste trabalho.

Nós verificamos que as expressões idiomáticas na Libras, assim como em línguas orais, também apresentam as seguintes características: o significado da expressão não é percebido somente pela decomposição de cada item lexical; a expressão está fortemente ligada às questões culturais da comunidade; cada língua cria suas próprias expressões idiomáticas, tornando a tradução para outras línguas mais complexa; as expressões idiomáticas possuem um alto grau de informalidade; as expressões surgem a partir de contextos de comunicação pontuais e se perpetuam com o tempo.

A partir da análise de uma breve quantitativa dos dados, nós observamos que os surdos explicaram as expressões de acordo com o previsto para cada expressão em 96% dos casos, sendo apenas 4% a porcentagem dos casos em que eles não souberam o significado da expressão, ou apresentaram uma explicação diferente para a expressão. Enquanto os ouvintes apresentaram somente 34% das explicações para as expressões de acordo com o previsto no trabalho, enquanto que em 66% dos casos eles apresentaram uma explicação diferente ou não

souberam responder. Este resultado evidencia o fato de que as expressões idiomáticas da Libras são produto das relações culturais de surdos e está bastante restrita aos ambientes em que somente surdos estão presentes.

Os ouvintes apresentaram um padrão de respostas baseado no nível de conhecimento da expressão idiomática, que pôde ser dividido em 5 tipos de resposta: conheciam bem a expressão (raros casos); precisaram de tempo para lembrar da expressão; recorreram ao significado dos sinais e se aproximaram do significado da expressão; recorreram ao significado dos sinais e se afastaram do significado da expressão; confundiram a expressão com outro sinal; e afirmaram desconhecer a expressão.

Do ponto de vista linguístico, encontramos que as expressões escolhidas foram formadas por derivação e composição. É possível que outras expressões idiomáticas da Libras possam surgir de flexões ou de fusões, no entanto, estes processos não aconteceram nos sinais escolhidos para esta investigação. Exceto pela expressão OLHOS-NÃO-TER em que há uma flexão de intensidade e de negação no verbo TER, além da composição com o sinal OLHOS. Nós notamos que as derivações contavam sempre mudanças fonológicas, desde a cristalização da expressão manual na EI, à mudança e/ou cristalização do movimento, configuração de mão ou ponto de articulação. A quantidade de mãos também foi uma mudança fonológica percebida no processo de derivação de uma expressão analisada. Quanto à composição, podemos dizer que os processos fonológicos propostos por Johnston & Schembri (2012) foram bem observados nas composições das expressões, ratificando a ideia de que as expressões com dois sinais apresentam uma unidade de sentido.

Quanto às mudanças semânticas, percebemos que houve mais um processo de restrição semântica de um sinal a um contexto específico nos sinais analisados, como em INFERIOR, que o sentido da expressão está restrito à qualidade e não simplesmente à ordem como é o sinal do qual a expressão foi derivada. Percebemos também que a combinação entre os sinais do ponto de vista semântico não se deu simplesmente pela soma dos traços semânticos de cada sinal, mas em alguns casos houve o surgimento de um sentido mais específico do que os sentidos dos sinais isolados.

Esta pesquisa aponta caminhos para uma investigação mais aprofundada e abrangente sobre as Expressões Idiomáticas das Línguas de sinais. Fizemos um recorte com 10 expressões, entrevistamos apenas 10 participantes, e apresentamos uma breve análise linguística pois se trata de uma dissertação de mestrado. Ainda assim, estes resultados e análise poderão servir

como base para pesquisas futuras sobre esta temática. Além disso, os cursos de formação de intérpretes devem focar também no uso de expressões idiomáticas, pois, como vimos, estes itens lexicais não são aprendidos em cursos de Libras e não são comumente adquiridos a partir do contato com os surdos. O ensino formal destas expressões pode auxiliar os intérpretes em contextos em que eles poderão se deparar com estas expressões.

Novas pesquisas podem surgir analisando expressões idiomáticas utilizando mais participantes e mais dados não só focando na percepção, mas na produção das expressões a partir de tarefas de elicitación e de uso de *corpus*. Além disso, é importante refletir de maneira mais aprofundada a relação entre o uso de expressões idiomáticas na Libras e as noções de formalidade e informalidade na língua.

## REFERÊNCIAS

- ARONOFF, M.; MEIR, I.; SANDLER, W. *The paradox of sign language morphology*. Language (Baltim), v. 81, n. 2, p. 301-344, jun. 2005.
- BARICIC, Ivana. *O lexema cabeça na fraseologia portuguesa*. 47 f. Tese de diploma. – Universidade de Zagreb. Faculdade de Letras. Departamento de Estudos Românicos, Zagreb, 2014.
- BASILIO, M. *Teoria lexical*. 8. ed. São Paulo: Ática. 2007.
- BATTISON, Robbin. “Phonological Deletion in American Sign Language”. Sign Language Studies 5, pp. 1–19, 1974.
- BERNARDES, R. *Estudos do léxico da Libras: realização dos processos flexionais na fala do surdo*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, 2020.
- BIDERMAN, M. T. C. *Unidades complexas do léxico*. In: RIO-TORTO, G. et al. (Org.). Estudos em homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela. Porto (Portugal): Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005. p. 747–757.
- BRASIL. *Ministério da Educação*. Secretaria de Educação Especial. Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/110436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm)>. Acesso em: 05 ago. 2022.
- BRITO, L. F. Língua brasileira de sinais. In: \_\_\_\_\_ et al. (Org.). *Educação Especial: Língua Brasileira de Sinais*. Brasília: MEC/SEESP, 1997, v.3. (Série Atualidades Pedagógicas, n.4).
- BRITO, L. F., L. *Por uma gramática de línguas de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.
- CÂMARA JR, J. M. *Dicionário de Linguística e Gramática*. 24. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.
- CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. *Dicionário de linguística e gramática*. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- CANÇADO, M., AMARAL, L. *Introdução à Semântica Lexical: papéis temáticos, aspecto lexical e decomposição de predicados*. São Paulo: Vozes, 2016.
- CAPOVILLA, F. C., RAPHAEL, W. D. *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngüe da Língua de Sinais Brasileira, v 1 e 2*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

- CARNEADO-MORÉ, Z.V. *Consideraciones sobre la fraseografía* In: CARNEADOMORÉ, Z.V; TRISTÁ-PEREZ, A.M. *Estudios de fraseología*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1985. p. 39-46.
- CASARES, J. *Introducción a la lexicografía moderna*. Madrid: C.S.I.C, 1992 [1950].
- DUBOIS, J. et all. *Dicionário de Linguística*. 15. Ed. São Paulo: Cultrix, 2007.
- EUROPEAN SIGN LANGUAGE CENTER. *Spreadthesign*. 2018. Disponível em: <<https://www.spreadthesign.com/pt.pt/search/>>. Acesso em: 05 ago. 2022.
- FARACO, C. A. *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2005.
- FARIA, S. P. *A metáfora na LSB e a construção dos sentidos no desenvolvimento da competência comunicativa de alunos surdos*. 2003. 310 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Linguística, Línguas Clássicas e Vernácula, Universidade Federal de Brasília, UnB, Brasília, 2003.
- GESSER, A. *Libras? que língua é essa: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda*. São Paulo: Parábola, 2009.
- HEITKOETTER, R. P.; XAVIER, A. N. *Descrição e análise de boias de listagem em libras*, 2021. Disponível em: <<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/3234>>. Acesso em: 27 jun. 2022.
- JOHNSTON, M.; SCHEMBRI, S. *Lexicalization and grammaticalization*. In: *Sign language: an international handbook*. Berlin: De Gruyter Mouton; 2012. p. 816-840.
- JOHNSTON, T.; SCHEMBRI, A. *Australian Sign Language: An introduction to sign language linguistics*. Cambridge University Press. New York, 2007.
- KLIMA, Edward; BELLUGI, Ursulla. *The Signs of Language*, Cambridge, MA.: Harvard University Press, 1979.
- LIBRAS, *GLOSSÁRIO*. Libras - duplicado. Disponível em: <<https://glossario.libras.ufsc.br/sinal/666>>. Acesso em: 02 ago. 2022.
- LISBOA, J. V. R. *Linguística de corpus, fraseologia e seriados televisivos: análise contrastiva de unidades fraseológicas em Game of Thrones*. Tradterm, [S. l.], v. 37, n. 2, p. 596-621, 2021. DOI: 10.11606/issn.2317-9511.v37p596-621. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/167105>>. Acesso em: 11 mar. 2021.
- MARQUES, R. do N. *A configuração do português na gramática de D. Jeronymo Contador de Argote: regras da língua portuguesa, espelho da língua latina*. 2016.143 f. Dissertação

(Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2016.

MIGUEL, T. A. M; FERREIRA, C. C. Echando un cable: *contribuições da fraseologia para o ensino de espanhol, o glossário em sala de aula*. Tópicos sobre ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras / adicionais, In: Tópicos sobre ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras/adicionais. In: *Lexicografia, fraseologia e linguística contrastiva em evidência*. Organizadoras: Cláudia Cristina Ferreira, Arelis Felipe Ortigoza Guidotti e Tatiana Helena Carvalho Rios-Ferreira, Campinas, SP : Pontes Editores, 2020.

MIRANDA, A. K. P. *Fraseologia e tradução: a prática tradutória de expressões idiomáticas em um dicionário semibilíngue*. Revista Papéis. Campo Grande, MS, v. 24, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufms.br/index.php/papeis/article/view/12408>>. Acesso em: 23 jun. 2022.

OLIVEIRA, F. A. de L. *Quando o corpo fala: mapeamento de gestos emblemáticos em comunidades de prática de Pernambuco e Alagoas*. Relatório Final de Estágio Pós-Doutoral. Belém - PA: Universidade Federal do Pará: Programa de Pós-Graduação em Letras, 2020.

OLIVEIRA, F.I.S., ROCHA, M. de. F. S. *Unidades fraseológicas em português: expressões utilizadas no falar dos guajajáras (tupi-guarani)*. Revista Ininga. Teresina, PI, v. 3, n. 1, p. 60-69. jan./jun. 2016. Disponível em: <<http://www.ojs.ufpi.br/index.php/ininga/article/download/6162/3625>>. Acesso em: 23 jun. 2022.

ORTIZ-ALVAREZ, M. L. *Expressões idiomáticas sinonímicas*. Revista Brasileira de Linguística. São Paulo, v. 12, 2003.

QUADROS, R. M. *Gramática da Libras*. 1ed. Petrópolis: Arara Azul, 2021.

QUADROS, R. M., KARNOPP, L.B. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, R. M; SILVA, J. B.; ROYER, M. *Gramática de Libras: questões metodológicas*. Dossiê Fórum Linguístico, 2020.

SANTANA, Ana Paula. *Surdez e linguagem: aspectos e implicações neurolinguísticas*. São Paulo: Pleuxus, 2007.

SANTOS, B. de S. *Traços distintivos em línguas de sinais: uma revisão conceitual*. 96 f. Dissertação (mestrado em Linguística e Literatura) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura, Maceió, 2020.

SANTOS, M. de M.. *Semântica da Libras: hiperônimos e hipônimos e o desenvolvimento linguístico da criança surda*. 156 f. Dissertação (mestrado em Letras e Linguística) –

Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Maceió, 2018.

SILVA, J. D. R. C. *Metáfora em LIBRAS: um estudo de léxico/ Dissertação (mestrado em Linguística Aplicada) - Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2018.*

SILVA, M. E. C. *Proposta de verbetes em dicionários e expressões idiomáticas para estudantes de português língua estrangeira. 2018, 100p. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Federal do Ceará.*

SOUZA, K. M. de; FERNANDES, L. A.; XAVIER, V. R. D. *Do léxico erótico-obsceno: cotejo lexicográfico entre variantes na língua portuguesa e na libras. Revista Diálogos (RevDia), Dossiê temático “Educação, Inclusão e Libras, v. 6, n. 1, jan.-abr, 2018. Disponível em: <<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia>>. Acesso em: 02 ago. 2022.*

STOKOE. W. C. (1960). **Sign Language Structure: An Outline of the Visual Communication Systems of the American Deaf. Studies in Linguistics Occasional papers 8.** Buffalo: University of Buffalo Press.

TAGNIN, S. E. O. *O jeito que a gente diz: expressões convencionais e idiomáticas inglês e português.* São Paulo, 2005.

TAGNIN, Stella E. O. *Expressões idiomáticas e Convencionais.* São Paulo: Editora Ática, 1989.

UFSC. Libras. *SignBank da Libras, 2020.* Disponível em: <<http://signbank.libras.ufsc.br/>>. Acesso em: 05 ago. 2022.

VILELA, M. *Estudos de Lexicologia do Português.* Coimbra: Livraria Almedina, 1994.

XATARA, C. M. *O ensino do léxico: as expressões idiomáticas. Trabalhos de Linguística Aplicada. Campinas, n.37, p.49-59, jan./jun. 2001. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/download/8639325/6919>>. Acesso em: 02 ago. 2022.*

XAVIER, A. N.; NEVES, S. L. G.. *Descrição de aspectos morfológicos da Libras. Revista Sinalizar, v.1, n.2, p. 130-151, jul./dez. 2016.*

ZULUAGA OSPINA, Alberto. *Introducción al estudio de las expresiones fijas.* Frankfurt a. M., Bern, Cirencester/UK: Lang, 1980.

**ANEXO**



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
 MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS**  
**FACULDADE DE LETRAS - FALE**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA E LITERATURA**  
 CAMPUS UNIVERSITÁRIO A. C. SIMÕES. AV. LOURIVAL MELO MOTA, SN.  
 CIDADE UNIVERSITÁRIA. CEP: 57072-900 - MACEIÓ - AL  
 TELEFONE: (82) 3214-1640

***TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO***

Eu, \_\_\_\_\_, RG \_\_\_\_\_, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos da pesquisa de mestrado especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), **AUTORIZO**, através do presente termo, o pesquisador Ewerton Douglas Canuto de Albuquerque, autor do projeto de pesquisa intitulado “**EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS EM LIBRAS**”, a usar os dados obtidos na entrevista em sua pesquisa de mestrado, *sem que haja exposição da minha imagem em qualquer momento da escrita do texto ou em qualquer meio acadêmico ou social, ficando o acesso às imagens restritos apenas ao pesquisador e ao seu orientador*, professor doutor Jair Barbosa da Silva.

Maceió, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
 Participante da Pesquisa

\_\_\_\_\_  
 Pesquisador Principal